

MATERNIDADE DISTANCIADA: VIVÊNCIAS DE MÃES SOBRE O AJUSTE  
ENTRE MATERNIDADE E PROFISSÃO, DA GESTAÇÃO AO RETORNO AO  
TRABALHO

Cláudia Luiz Leal

Monografia apresentada como exigência parcial do Curso de Especialização em  
Psicologia – Ênfase em Infância e Família – sob orientação da  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gabriela Dal Forno Martins

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

Porto Alegre, Março/2013

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta monografia aos meus pais, esposo e filha  
pelo apoio incondicional e pelo companheirismo  
de todas as horas.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha orientadora que me auxiliou em todas as etapas deste estudo. Agradeço pela compreensão e dedicação.

Aos meus colegas de sala de aula pela divisão de sentimentos durante todo o curso.

Aos professores pela disposição e adequada transmissão dos conhecimentos.

Aos meus pais pelo suporte, cuidado e carinho com a minha filha. Sem eles seria muito difícil toda esta trajetória.

Ao meu esposo, pelo apoio constante e enorme compreensão diante da minha ausência, além da atenção e carinho a nossa amada filha.

E, principalmente, a minha filha Juliana pela paciência, amor, amizade diante do meu distanciamento tão necessário neste processo.

Agradeço a todos que me ajudaram a concluir esta etapa tão significativa em minha vida.

## SUMÁRIO

Resumo .....	06
Capítulo I	
Introdução .....	08
Aspectos psicológicos da gravidez normal: o nascimento de uma mãe .....	08
A maternidade atual, o retorno ao trabalho e os cuidados não-parentais .....	10
Justificativa e objetivos .....	14
Capítulo II	
Método .....	16
Participantes .....	16
Delineamento e procedimentos .....	17
Instrumentos e materiais .....	18
Considerações éticas .....	19
Análise de dados .....	20
Capítulo III	
Resultados .....	22
Percepções sobre o papel materno atrelado à vida profissional .....	22
Motivos de escolha e expectativas maternas sobre o ingresso do bebê à creche .....	25
Estratégias de enfrentamento da mãe frente ao conflito maternidade X trabalho .....	27
Capítulo IV	
Discussão .....	33
Capítulo V	
Considerações finais .....	40
Referências.....	41

*Anexos*

<i>Anexo A</i> .....	43
<i>Anexo B</i> .....	44
<i>Anexo C</i> .....	46
<i>Anexo D</i> .....	48
<i>Anexo E</i> .....	49
<i>Anexo F</i> .....	50

## RESUMO

A maternidade por si só já é um momento de grande reestruturação familiar, onde se exige, especialmente da mulher, uma adaptação ao novo papel. Nos tempos atuais, além dos cuidados ao bebê, cada vez mais se percebe mães inseridas no mercado de trabalho, tendo que fazer ajustes importantes entre maternidade e profissão. Neste processo, mostra-se essencial a identificação materna das suas próprias necessidades, utilizando estratégias para enfrentar esta nova fase, tendo a creche como rede de apoio. O objetivo deste trabalho foi investigar as vivências de mulheres primíparas em relação ao ajuste entre maternidade e profissão, da gestação ao retorno ao trabalho, quando seus filhos ingressaram na creche. Participaram do estudo três mulheres que estavam exercendo pela primeira vez a maternidade. Os resultados indicaram que as mães conseguiram de certa forma lidar com a ambivalência entre maternidade e trabalho, fazendo uso de diversas estratégias de enfrentamento, desde as mais práticas, como inserir e adaptar o bebê à sua rotina profissional e colocá-lo numa creche de confiança, até aquelas mais de cunho emocional, como a desidealização do papel materno e a ênfase nas mudanças comportamentais e reações emocionais positivas da criança com a entrada na creche. Concluiu-se que, com isso, as mães puderam adaptar-se à maternidade, sem terem que abdicar completamente de suas necessidades pessoais, o que contribuiu para a manutenção de sua autoestima.

*Palavras-chave:* maternidade; profissão; estratégias de enfrentamento.

## ABSTRACT

Motherhood, in itself, is a time of great family restructuring, which requires, particularly for women, an adaptation to a new role. Nowadays, in addition to baby care, mothers are increasingly entering the labor market, having to make adjustments between motherhood and career. In this process, it's essential the maternal identification of their own needs, using strategies to face this new phase, with the child care center as a support network. The objective of this study was to investigate the experiences of primiparous women in relation to the adjustment between motherhood and career, from pregnancy to return to work, when their children enrolled in child care center. Participants were three women who were exercising for the first motherhood. The results indicated that mothers could somehow deal with the ambivalence between motherhood and work, making use of a lot of coping strategies, from the most practical, as the baby's enter and adaptation to your professional routine and put him in a confidence child care center, to those most emotional, as the not idealization of the maternal role and emphasis on behavioral changes and positive emotional reactions to child's entry into child care center. It was concluded that the mothers were able to adapt to motherhood, without having to completely abdicate their personal needs, contributing to the maintenance of their self-esteem.

*Key words:* motherhood.; career; coping strategies.

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

A expectativa pela chegada de um bebê geralmente vem acompanhada de inúmeros desejos e sentimentos. As mães esperam com ansiedade o momento do nascimento e, em geral, tendem a idealizar a maternidade. Entretanto, essa idealização pode ser desfeita na medida em que novos desafios se impõem para a mãe, dentre eles o retorno ao trabalho<sup>1</sup>. Esse evento pode por à prova suas próprias habilidades e competências quanto aos cuidados com seu filho, tendo em vista que muitas mães precisam se ausentar grande parte de seu dia, efetuar o desmame e decidir pela melhor opção de cuidados ao bebê.

Tendo em vista esses aspectos, o objetivo do presente estudo foi investigar as vivências de mulheres primíparas em relação ao ajuste entre maternidade e profissão, da gestação ao retorno ao trabalho, quando seus filhos ingressaram na creche. Para tanto, inicialmente, foram revisados alguns estudos sobre os aspectos psicológicos que envolvem a gravidez normal e o nascimento do bebê. Após, foram apresentadas as tarefas ligadas à transição para a maternidade e, por fim, foram destacados os aspectos relevantes que envolvem o período de retorno ao trabalho e a necessidade da mãe optar por um cuidado alternativo, no caso, a creche.

#### **Aspectos psicológicos da gravidez normal: o nascimento de uma mãe**

Antes de engravidar, os pais passam por um processo de se imaginar tendo um filho. Pensam sobre as características do futuro bebê, qual o momento ideal para tê-lo, o que esperar de si próprios como mãe ou como pai e o que um filho representaria para sua vida. Assim, é possível afirmar que o relacionamento entre os pais e o bebê começa muito antes do nascimento, até mesmo antes da fecundação (Maldonado, Dickstein & Nahoum, 1996).

O desejo que uma mulher sente de ter um filho é alimentado por motivos e impulsos psíquicos diversos, como, por exemplo, a possibilidade de identificação da

---

<sup>1</sup>A palavra “trabalho” está sendo utilizada como sinônimo de emprego, o qual implica numa atividade ocupacional remunerada. Além de “trabalho” e “emprego”, serão utilizadas como sinônimos as expressões “atividade profissional”, “prática profissional” e “profissão”.



mulher com sua própria mãe, na busca de referenciais externos que lhe permitam diminuir ou evitar angústias e se autoprotger. Outro impulso que alimenta o desejo por um filho é a possibilidade de satisfação de necessidades narcisistas da mulher, que dizem respeito a sentimentos inconscientes de elevada onipotência e autoestima, os quais também podem ser uma condição protetora para o psiquismo da mãe (Brazelton & Cramer, 1992). Nesse sentido, Maldonado (1994) ressalta que a partir da percepção da gravidez – consciente e inconsciente - se inicia mais concretamente a formação da relação materno-filial e das modificações na rede de intercomunicação familiar.

Esses aspectos indicam que a gravidez e o tornar-se mãe são processos bastante complexos, embora representem uma transição esperada no processo normal de desenvolvimento. A gestação envolve a necessidade de reestruturação e reajustamento em várias dimensões. Verifica-se, na mulher, a necessidade de uma mudança de identidade e uma nova definição de papéis – ela passa a se olhar e a ser olhada de uma maneira diferente. No caso da primípara, a grávida, além de filha e mulher, passa a ser mãe (Maldonado, 1994). Assim, tornar-se mãe reaviva desejos antigos experimentados na infância em face de seus próprios pais. É tomar seu lugar na cadeia de gerações, assinalando o acesso à maturidade, e assumindo um novo papel, sem deixar os já conquistados (Debray, 1988). Nesse sentido, para Brazelton (1988), a maternidade é vista como um momento desafiador, uma oportunidade para o crescimento pessoal e maturidade, pois é uma experiência singular e repleta de sentimentos intensos.

A intensidade dos sentimentos vividos nesse momento do ciclo de vida pode estar associada ao fato de que, segundo Debray (1988), o tornar-se mãe é um momento necessariamente contraditório e profundamente ambivalente, pois vem acompanhado de complexidade, idealizações e perdas. A ambivalência pode estar ligada ao fato de que a mulher se sente, ao mesmo tempo, muito madura e adulta por ser capaz de ter um filho, mas também dependente, insegura e precisando de apoio e proteção (Maldonado et al., 1996). Tal ambivalência, experienciada desde a gestação, também está presente no momento do nascimento, que, ao mesmo tempo, remete à satisfação pela chegada do bebê, e a um afastamento inevitável entre a mãe e o filho. Leff (1997) complementa que o nascimento é uma separação, sendo vivido por algumas mães como o fim de uma ligação muito intensa, podendo estar ligado a um sentimento de abandono.

Por outro lado, tão logo a relação mãe e filho após o nascimento se estabelece, surgem possibilidades de recompensas. Leff (1997) destaca a gratificação pela participação no crescimento e desenvolvimento do bebê, assim como o indescritível

sentimento de responsabilidade por um ser tão dependente. Todavia, essas mesmas recompensas podem vir acompanhadas de sentimentos de ansiedade, de não saber o que é melhor para o bebê, de preocupação demasiada e de inexperiência ou inadequação (Brazelton, 1988). Muitas das ansiedades maternas estão relacionadas, dessa forma, às necessidades desenvolvimentais dos bebês nos primeiros meses de vida. Por exemplo, de acordo com Peters citado por Rapoport e Piccinini (2006), uma das principais mudanças nos primeiros meses de vida do bebê refere-se à privação do sono e à adaptação da vida ao ritmo do bebê. Embora a maioria das mulheres saiba que os bebês mamam geralmente a cada três horas, poucas sabem o que significa acordar na madrugada, com esta mesma frequência, para acompanhar as mamadas e trocas de fraldas do bebê. Além disso, a mãe perde o seu próprio ritmo diário e não consegue mais fazer coisas que eventualmente fazia, de modo que seu dia passa a ser ditado pelas necessidades do bebê.

Dessa forma, o apoio à nova mãe se torna preponderante para contribuir com o desenvolvimento de uma adequada maternidade (Brazelton & Cramer, 1992). Crockenberg citado por Rapoport e Piccinini (2006) destaca que o apoio social é fundamental ao longo do desenvolvimento humano, tendo destaque durante períodos de transição e de mudanças, quando naturalmente são exigidas adaptações e o indivíduo passa por situações de estresse. Portanto, nesse período tão importante do desenvolvimento, não se pode deixar de prestar a devida atenção e o devido cuidado à mulher, que está se reinventando em um novo papel.

### **A maternidade atual, o retorno ao trabalho e os cuidados não-parentais**

O nascimento de um filho exige da mulher uma adaptação à nova vida, que inclui, por exemplo, as demandas do bebê, uma interação conjugal que passa a envolver um terceiro membro e a vida profissional e social com a presença de um ser que depende dela (Rapoport & Piccinini, 2006). Maldonado (1994) aponta os fatores socioeconômicos como uma variável fundamental dentro da complexidade das mudanças provocadas pela vinda do bebê. Numa sociedade em que, principalmente nas áreas urbanas, a mulher costumeiramente trabalha fora, é corresponsável pelo orçamento familiar e cultiva interesses diversos (profissionais, sociais, etc.), o fato de ter um filho acarreta consequências bastante significativas. Dessa forma, a inserção da mulher no mercado de trabalho modificou a estrutura familiar e tornou os papéis desempenhados pela mesma mais complexos; agora a mulher possui não só as

responsabilidades familiares, mas também profissionais (Barbosa, Peixoto, Medeiros & Junior, 2010).

Para algumas mulheres, a entrada de um bebê em um plano de vida construído com muita dedicação e esforço traz à tona o conflito entre o desejo de ser uma boa mãe e a vontade de estar disponível para dar continuidade a carreira profissional. Ademais, esse conflito parece ser reforçado por uma repressão implícita, no mundo profissional, para mulheres que precisam parar com o que estejam fazendo, a fim de terem um filho e, posteriormente, alimentá-lo (Brazelton, 1988). Assim, mesmo as mulheres tendo se inserido largamente no mundo do trabalho, na sociedade contemporânea ainda prevalece a crença de que devem priorizar a família, a maternidade e as atividades do ambiente doméstico (Barbosa et al., 2010). Não é por acaso que ser mãe na modernidade suscita sentimentos de culpa e frustração e conflitos de identidade, afinal as mães estão habituadas a uma cultura que proíbe a discussão plena da ambivalência materna, da coexistência de sentimentos ambivalentes natural em todas as mães. O natural passa a ser o sacrifício e o amor irrestrito (Azevedo & Arrais, 2006).

Se por um lado, a maternidade pode interferir no investimento da mulher em sua carreira profissional, por outro, este investimento também pode interferir na experiência e no exercício da maternidade. Azevedo e Arrais (2006) defendem a idéia de que as mulheres de hoje não são preparadas, não tem a mesma disponibilidade e talvez nem o mesmo conhecimento para cuidar de seus filhos como suas mães o faziam. Isso pode ser justificado pelo fato de que, atualmente, há uma série de alternativas disponíveis, além da maternidade, para se realizarem enquanto mulher, tais como a satisfação associada à carreira profissional, à relação conjugal, ao lazer, amizades, etc.

Assim, de modo a conciliar esses diversos interesses e investimentos, é frequente a necessidade de que alguém cuide do bebê quando a mãe retorna ao trabalho após o período de licença maternidade. Desse modo, a creche ou a empregada/babá tem se revelado, muitas vezes, a opção disponível para os cuidados do bebê (Rapoport & Piccinini, 2004). De acordo com esses mesmos autores, a escolha de um cuidado alternativo para um bebê ou criança pequena não é tarefa fácil. Os pais, geralmente, são tomados por dúvidas acerca da melhor forma de cuidado para o filho, além da melhor idade para colocá-lo numa forma de cuidado não-parental.

Visando identificar os motivos e sentimentos de mães de dois níveis socioeconômicos quanto a deixar seus filhos em creche, o estudo realizado por Weber, Santos, Becker & Santos (2006) apontou que, por um lado, as mães percebiam que a

decisão (ou necessidade) em deixar o filho na creche trazia consequências positivas, como realização profissional e/ou remuneração financeira e mesmo maior socialização da criança. Ao mesmo tempo, verificaram que o cuidado do filho por terceiros ainda era percebido como inadequado, sendo que esta situação provocava sentimentos de medo e insegurança para a maioria das entrevistadas. No entanto, a intensidade desses sentimentos e a forma com que são vivenciados diferiram entre mães de níveis socioeconômicos distintos.

O sentimento de culpa, por exemplo, pareceu mais evidente entre as mães de nível socioeconômico elevado, apesar de terem reconhecido as qualidades socializadoras da creche (Weber et al., 2006). Já para as mães de nível socioeconômico desfavorecido, trabalhar era uma questão de sobrevivência e não de escolha e, portanto, deixar a criança na creche não gerava tanta culpa. Os autores justificaram essas diferenças a partir do significado que as mães atribuíam à maternidade. Enquanto mães de maior nível socioeconômico tinham grande expectativa em relação à gravidez, mas preferiam desenvolver, paralelamente, sua carreira profissional; as mães de menor nível socioeconômico afirmaram não ter planejado a gravidez e que prefeririam ficar em casa a deixar os filhos em creche, alegando que “os cuidados da mãe são os melhores para o filho” (Weber et al, 2006).

Dessa forma, enquanto para muitos pais o cuidado alternativo se constitui numa exigência por força da necessidade de trabalhar, para outros pode constituir uma opção relacionada à necessidade das mães de terem mais espaço pessoal, ou em função da crença sobre a importância social e educacional do cuidado alternativo, especialmente no caso da creche (Rapoport & Piccinini, 2004). Assim, quando a escolha pela creche ou outro cuidado alternativo está claramente associado à necessidade da mãe trabalhar (mesmo ela sendo mais favorável aos cuidados maternos), parece que as mães tendem a lidar de forma mais tranquila com essa transição.

Além das dificuldades que as mães enfrentam ao ter que escolher uma forma de cuidado alternativo para o bebê, tendo feito essa escolha, precisam adaptar-se à vida dupla: de mãe e profissional. De Meis, Hock e McBride (1986), em um estudo longitudinal envolvendo especialmente mulheres primíparas durante os primeiros meses de maternidade, verificaram que, logo após o nascimento do bebê, tanto mães que optaram por manter-se em atividade profissional, quanto mães que escolheram permanecer em casa, compreendiam a importância do papel materno, devido a fragilidade e vulnerabilidade de seus filhos nesta etapa do desenvolvimento. Com isto,

os autores compreenderam que a experiência de algumas mães que optaram por deixar o bebê para ir ao trabalho pode envolver sentimentos de tristeza e culpa ao invés de amenizá-los diante dos benefícios do aspecto financeiro.

Por outro lado, Espíndula e Caetano (2008), em sua pesquisa envolvendo a análise de relatos das trajetórias de vida de mães trabalhadoras, evidenciaram que a mulher passa a ser considerada bem sucedida quando faz uma interessante articulação entre maternidade e trabalho. Nesse sentido, a atividade profissional é vista como um modo da mulher não estar colocada na posição de mãe integralmente, o que é considerado positivo para muitas mães, já que sentimentos como saudade podem surgir com maior facilidade enquanto estão trabalhando, fazendo com que as mães aproveitem com maior qualidade os momentos em que estão com seu bebê (Espíndula & Caetano, 2008). Porto Alegre (2011) também apontou perspectivas positivas relacionadas a mães que trabalham, transparecendo apoiar que sentimentos de satisfação e realização sejam mais aparentes nestas mulheres.

Talvez, os sentimentos de maior satisfação e bem-estar possam estar relacionados às formas de enfrentamento utilizadas pelas mães que trabalham e que possuem grande ênfase em sua carreira. Barbosa et al. (2010) analisaram depoimentos de mulheres executivas coletados em reportagens publicadas na revista *Você S/A*, de Janeiro a Dezembro de 2009. Os autores verificaram que a maior parte das mulheres que atuam no mercado de trabalho equilibram a vida profissional com a familiar utilizando estratégias próprias, como planejamento de programas durante a semana, almoços com demais familiares aos domingos, acordar mais cedo para aproveitar o tempo com os filhos, buscá-los na escola quando possível, realizar um horário de trabalho que possibilite ficar parte da manhã com as crianças ou mesmo, dependendo da função, não trabalhar dois a três turnos semanais.

Também há indícios na literatura de que a situação de emprego materno e a rotina da mãe com a criança derivada desta situação pode afetar a forma com que a mãe lida com a separação mãe-bebê durante o primeiro ano de vida da criança. De Meis et al. (1986) destacaram ainda que preocupações relacionadas a esta separação ao longo do tempo aumentaram significativamente para o grupo de mulheres que optaram por ficar em casa, ao contrário das mães que já estavam mais habituadas ao trabalho. Todavia, essa diferença parece não estar relacionada, necessariamente, a uma melhor ou pior qualidade da relação mãe-bebê. A partir de entrevistas com educadoras de creche, Melchiori e Alves (2000) investigaram como era o comportamento dos bebês e adultos

no momento de separação e reencontro na creche. As autoras constataram que, mesmo diante da precoce separação mãe-bebê durante um período do dia, pode haver uma forte ligação entre a mãe e seu bebê, o que foi evidenciado através manifestações de alegria dos bebês quando as mães retornavam do trabalho e da afetividade demonstrada por elas ao reencontrarem seus filhos. Isso ficou aparente principalmente após os 8 meses de idade da criança, sugerindo um padrão de apego seguro.

No entanto, Carter e McGoldrick (1995) retomam o fato de que ainda as mulheres são consideradas as principais responsáveis pela criação dos filhos, sendo culpadas quando alguma coisa dá errado. Ao encontro disso, Espíndula e Caetano (2008) apontam o papel materno como associado a uma pedagogia do cuidado, sendo a mãe a grande responsável pelo bom desenvolvimento infantil. Desde a infância as meninas treinam o papel de boa mãe, segundo o qual a mulher deve ser capaz de enormes sacrifícios, entre eles ser amável, tranquila, compreensiva, terna, equilibrada, acolhedora, feminina em tempo integral. Espera-se um ideal, um modelo de mãe perfeita, uma imagem romanceada da maternidade construída ao longo dos últimos séculos, que está alicerçada sob um rígido padrão incapaz de admitir qualquer vestígio de sentimentos ambivalentes nas mães (Azevedo & Arrais, 2006).

Dessa forma, conforme apontam Rapoport e Piccinini (2006), lamentavelmente, a sociedade ainda mostra certa dificuldade de admitir que, por si só, toda a experiência da maternidade envolve, pelo menos em alguns momentos, situações potencialmente estressantes. Assim, nem sempre a mãe, sozinha, consegue suprir todas as necessidades do bebê, sendo o auxílio da creche, a ajuda do marido e de outras pessoas de sua rede de apoio, importante tanto para as novas, quanto para as mães experientes. A importância do apoio de familiares, instituições formais e empregados para a mulher grávida e a nova mãe são fundamentais. A presença deste apoio social tende a aumentar a responsividade materna, beneficiando o bebê, a relação mãe-bebê e a relação conjugal, especialmente em situações estressantes.

### **Justificativa e objetivos**

O retorno ao trabalho é uma fase de grandes transformações no ambiente familiar, especialmente envolvendo a mãe, que até o momento dedicava toda a sua atenção ao bebê. Com isso, podem surgir sensações e preocupações vividas intensamente, como medos e diversos sentimentos de insegurança, devido a necessidade de conciliar demandas profissionais e maternas.

Para enfrentar este período, conciliando o ato de ser mãe e o retorno à vida profissional, a mãe pode optar pela escolha de uma creche, que pode permitir, ao mesmo tempo, a sua liberação para o trabalho e um cuidado e educação adequados à criança. Além disso, a mãe pode lançar mão de algumas estratégias de enfrentamento, sendo a racionalização uma importante defesa para integridade do ego. Assim, tentativas de ajustamento materno para uma nova etapa em sua(s) vida(s) podem permear explicações racionais, evitando maiores angústias a fim de que consigam enfrentar com maior tranquilidade o distanciamento de seu bebê.

Foram encontrados poucos estudos nacionais que tiveram como foco a experiência materna no período de retorno da mãe ao trabalho e diante da necessidade de deixar o bebê aos cuidados de uma creche. Assim, tendo em vista o contexto social atual em que a maternidade se insere, bem como o reduzido número de estudos nacionais dedicados a essa temática, o objetivo do presente estudo foi investigar as vivências de mulheres primíparas em relação ao ajuste entre maternidade e profissão, da gestação ao retorno ao trabalho, quando seus filhos ingressaram na creche. Particularmente, buscou-se investigar: 1) percepções das mães sobre o papel materno atrelado à vida profissional; 2) os motivos de escolha e as expectativas maternas sobre o ingresso do bebê na creche; e 3) as estratégias que as mães utilizaram para enfrentar o ajuste entre maternidade e trabalho e o distanciamento de seus bebês no retorno ao trabalho.

Diante desse panorama que envolve a maternidade atual, destaca-se o quanto os aspectos emocionais da nova mãe são relevantes, tanto para sua vida pessoal, quanto profissional e familiar. Deve-se ter clareza das reais ansiedades que circundam essa maternidade, como subsídio para se buscar formas preventivas de preparar a mulher para enfrentar o enorme desafio que é o retorno ao trabalho, tendo que deixar seu filho aos cuidados de outras pessoas.

## CAPÍTULO II

### MÉTODO

#### Participantes

Participaram do estudo 3 mães primíparas (Tabela 1), com idades entre 30 e 40 anos e com bebês de sexo masculino. As mães não apresentavam problemas crônicos de saúde, viviam em união estável, possuíam níveis socioeconômicos semelhantes (classe média) e trabalhavam em turno integral. Optou-se por estudar mães com essas características visando focalizar a experiência da maternidade em mulheres cujas carreiras profissionais estivessem bem consolidadas, sendo difícil abandoná-las para exercer somente a maternidade. Além dessas características, foram consideradas as mães cujos bebês tinham idades entre 5 e 6 meses e que passaram a frequentar a creche após término da licença maternidade da mãe.

Todas as participantes foram selecionadas de um estudo maior, intitulado *“Impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil: estudo longitudinal do primeiro ao segundo ano de vida da criança”* – CRESCI (Piccinini, Becker, Martins, Lopes & Sperb, 2010). O estudo teve como objetivo investigar o impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo de bebês do primeiro ao segundo ano de vida. Mais especificamente, buscou comparar, ao longo desse período, o desenvolvimento de crianças que frequentavam ou não a creche, e relacioná-lo a qualidade dos ambientes institucional e familiar. O estudo acompanhou 77 famílias, dentre estas 30 famílias de bebês que frequentavam a creche e 47 de bebês que foram cuidados exclusivamente pela mãe ou por outros cuidadores, como babá e familiares. As famílias cujos bebês estavam na creche foram recrutadas em duas creches públicas federais (uma pertencente à universidade e outra a um hospital público federal), e as demais famílias principalmente através de dois meios: divulgação da pesquisa em um jornal gaúcho de grande circulação (n=19) e indicações de conhecidos ou das próprias famílias participantes (n= 18). Além desses meios, também foram recrutadas famílias através de listas de funcionários da universidade e do hospital (n= 7), posto de saúde (n= 2) e divulgação da pesquisa no site da universidade (n= 1). Além das famílias, o estudo também contou com a participação de 14 educadoras das duas creches já mencionadas.

O projeto CRESCI envolveu três fases de coleta de dados: Fase I: imediatamente antes da entrada do bebê na creche, quando possuíam aproximadamente 6 meses, sendo



que a mesma idade foi utilizada para os bebês que não ingressaram em creche (para os bebês que ingressaram na creche, a Fase I também incluiu uma entrevista com os pais um mês após a entrada na instituição); Fase II: 6 meses após a primeira coleta; Fase III: 12 meses após a primeira coleta. Em cada fase, o desenvolvimento dos bebês foi avaliado e foram aplicadas entrevistas semiestruturadas, questionários e escalas com as mães e com os pais, avaliando sua percepção sobre o desenvolvimento da criança, bem como a qualidade do ambiente familiar. Foram também realizadas filmagens da interação livre mãe-bebê e pai-bebê no Laboratório de Observação de Processos Interativos – LOPI do Instituto de Psicologia. Por sua vez, a qualidade das creches também foi avaliada, e as educadoras preencheram escalas e questionários sobre sua percepção a respeito da adaptação da criança à creche e do seu desenvolvimento.

Para fins do presente estudo, foram escolhidas as primeiras mães que preencheram os critérios de seleção da pesquisa, e que participaram da fase inicial (Fase I) prevista no projeto CRESCI. A escolha das mães levou em consideração a necessidade de estar retornando ao trabalho, tendo que deixar seus bebês aos cuidados de uma creche.

Tabela 1. Caracterização sociodemográficas das mães participantes do estudo.

Caso	Sexo bebê	Idade de entrada na creche (meses)	Idade materna (anos)	Escolaridade	Estado civil	Horas de trabalho semanais	Dias de trabalho	Salário mãe
M1	M	6	32	Pós Graduação	casada	08	05	R\$ 2.000,00
M2	M	6	36	Pós Graduação	casada	08	05	R\$ 6.000,00
M3	M	5	38	Pós Graduação	casada	08	05	R\$ 3.000,00

### **Delineamento e procedimentos**

Realizou-se um estudo de caso coletivo (Stake, 1994), de caráter longitudinal, visando investigar as vivências de mulheres primíparas em relação ao ajuste entre maternidade e profissão, da gestação ao retorno ao trabalho, quando seus filhos ingressaram na creche. Particularmente, buscou-se investigar: 1) percepções das mães sobre o papel materno atrelado à vida profissional; 2) os motivos de escolha e as expectativas maternas sobre o ingresso do bebê na creche; e 3) as estratégias que as mães utilizaram para enfrentar o ajuste entre maternidade e trabalho e o distanciamento de seus bebês no retorno ao trabalho. Para fins do presente estudo, foram particularmente utilizados dados da Fase I de coleta de dados do CRESCI. Destacam-se

a seguir apenas os instrumentos cujos dados foram utilizados no presente estudo. Em cada fase, outros instrumentos foram utilizados, conforme descritos em Piccinini et al. (2010), mas os mesmos não serão aqui considerados. Por volta dos 6 meses de vida do bebê, quando eles ingressaram na creche, as famílias foram convidadas a participar do projeto. Aquelas que aceitaram participar e atenderam aos critérios do estudo preencheram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (Anexo A), e a *Ficha de dados Demográficos da Família* (Anexo B). Esses instrumentos foram aplicados no mesmo encontro em que foi realizada a avaliação do desenvolvimento do bebê. Poucos dias depois, no segundo encontro, as famílias foram até o Instituto de Psicologia, onde se realizou a filmagem da interação mãe-bebê e, em seguida a *Entrevista sobre a experiência da maternidade - 6º mês*. Após 30 dias da entrada do bebê na creche foi realizada a *Entrevista sobre adaptação do bebê à creche – versão mãe*.

### **Instrumentos e materiais**

*Ficha de dados demográficos da família* (NUDIF/CRESCI, 2011a): utilizada para obter alguns dados demográficos, tais como idade da mãe e do companheiro, escolaridade, profissão, estado civil, existência de outros filhos, religião, tempo de trabalho, número de moradores da casa e classe social (Anexo B).

*Entrevista sobre a experiência da maternidade – 6º mês* (NUDIF/CRESCI, 2011b): a entrevista do 6º mês investigou a experiência da maternidade tanto com relação à gestação e parto (retrospectivamente), como em relação ao primeiro semestre de vida do filho. É composta de seis blocos de questões que investigava sentimentos, expectativas e crenças da mãe sobre o bebê, sobre si mesma e sobre o companheiro. Além disso, investigava a rotina do bebê, incluindo as principais atividades e principais cuidadores, bem como os motivos relacionados a deixar ou não o bebê na creche. Para fins do presente estudo foram considerados especialmente os sentimentos e expectativas maternas sobre o bebê e sobre si mesma, desde a gestação até o momento de realização da entrevista. Além disso, foram consideradas as questões referentes à tomada de decisão pela creche (ex: *Como tu te sentes por colocar o filho(a) na creche?; Que expectativas tu tens com a entrada do bebê na creche?; Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do/a (nome)? O que te agrada? O que te incomoda?* (Anexo C).

*Entrevista sobre adaptação do bebê à creche – versão mãe* (NUDIF/CRESCI, 2011c): a entrevista investiga as impressões das mães sobre como a criança está após a entrada na creche, bem como sentimentos dos pais frente a este fato e eventos que

possam ter ocorrido concomitantes ao período de ingresso do bebê na creche. É composta de cinco blocos de questões que foram aplicadas 30 dias após a criança entrar na creche. Para fins do presente estudo, foram levadas em consideração especialmente as respostas maternas envolvendo o processo de adaptação do bebê à creche, relacionamento do bebê com as pessoas posteriormente à entrada na creche e sentimentos maternos após o ingresso nesse local. Estes temas foram investigados através de perguntas como: *Em relação ao processo de adaptação, era como tu imaginavas? Como tu está te sentindo com a ida do seu filho à creche? Mudou algo no teu dia a dia? O quê? Como ele(a) tem interagido contigo depois que entrou na creche? Algo mudou? Se sim, o quê?* (Anexo D).

### **Considerações éticas**

O estudo proposto permeou os princípios éticos protegendo os direitos, bem-estar e dignidade dos participantes, fundamentado pela resolução 96/196 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. A resolução número 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia, a qual dispõe sobre a realização de pesquisas em psicologia envolvendo seres humanos, destaca a importância da observação destes mesmos aspectos, sendo esta uma resolução que também aprova esse tipo de pesquisa, pois visa a produção de conhecimentos contribuindo para uma melhor qualidade da prática profissional.

O presente estudo garante a confidencialidade, protegendo a privacidade dos participantes. O *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* revelava, por parte do pesquisador, os principais objetivos e procedimentos da pesquisa, possibilitando à pessoa uma decisão livre e informada sobre sua participação. Como essa pesquisa utilizou um delineamento de estudo de caso, que envolveu uma análise aprofundada dos relatos maternos, é necessário deixar claro que nenhuma das participantes foi exposta de forma a ser identificada por algum leitor ou receptor desse conteúdo. Todo o texto foi redigido de maneira a preservar o sigilo e integridade das mães.

O projeto CRESCI, do qual o presente estudo faz parte, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Protoc. N° 2010070, cópia no anexo E) e pelo Comitê de Ética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (Protoc. N° 100553, cópia no anexo F), sendo considerado ética e metodologicamente adequado, de acordo com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras

de Pesquisa envolvendo Seres Humanos (Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde).

### **Análise de dados**

Utilizou-se uma análise de conteúdo qualitativa das respostas maternas visando investigar as vivências de mulheres primíparas em relação ao ajuste entre maternidade e profissão, da gestação ao retorno ao trabalho, quando seus filhos ingressaram na creche. A análise procedeu conforme os seguintes passos: 1) transcrição literal das entrevistas; 2) demarcação de unidades de sentido; 3) geração de categorias temáticas; 4) classificação das respostas nas categorias; e 5) análise propriamente dita (Laville & Dionne, 1999). As respostas das mães foram classificadas nos seguintes eixos temáticos, para os quais foram geradas categorias como as exemplificadas a seguir:

*Percepções sobre o papel materno atrelado à vida profissional* – neste eixo foram abordadas categorias que envolvem as percepções maternas sobre a nova identidade e sobre a divisão maternidade e trabalho, questionamentos e dúvidas sobre o próprio papel diante da necessidade de dividir os cuidados ao bebê com as educadoras da creche e diante do desmame.

*Motivos de escolha e expectativas maternas sobre o ingresso do bebê à creche* - nesse eixo foram abordados os motivos de escolha e expectativas das mães antes do bebê entrar na creche, segundo categorias tais como: cuidados adequados ao bebê, educação, socialização, estímulo cognitivo/ aprendizagem, segurança relacionada ao bebê, saúde, auxílio na retirada das fraldas, benefício financeiro e falta de rede de apoio.

*Estratégias de enfrentamento da mãe frente ao conflito maternidade X trabalho* - nesse eixo foram investigadas as estratégias de enfrentamento das mães frente ao distanciamento de seus bebês no momento que retornaram ao trabalho. As seguintes categorias se encontram atreladas a esse eixo: não afastamento completo do trabalho e inclusão da criança a rotina profissional da mãe, procura da creche como um suporte, ênfase nas atividades ligadas ao trabalho visando minimizar o tempo distante do bebê, necessidade de compensar o tempo ao bebê dedicando-se intensamente a ele quando na sua presença, percepção e exaltação das mudanças comportamentais positivas da criança, poder possibilitar melhores condições de vida para o filho, autocuidado da mãe como possibilidade de melhora da sua autoestima, além da desidealização do papel materno.

Outros detalhes sobre cada eixo temático estão expostos na seção de Resultados. A descrição dos resultados foi feita por cada eixo de análise, sendo apresentados os relatos dos três casos dentro de cada eixo. Toda a análise das respostas foi executada pela autora do trabalho e por um segundo codificador, os quais analisaram todas as entrevistas de forma independente e, após, as dúvidas e discordâncias foram discutidas buscando um consenso.

### CAPÍTULO III

#### RESULTADOS

A apresentação dos resultados foi feita utilizando os três eixos temáticos descritos anteriormente. Além disso, para fins de análise, foram considerados três momentos da maternidade examinados no presente estudo, quais sejam: gestação e parto, período de licença maternidade, e 1 mês após o retorno ao trabalho e a entrada do bebê na creche. Os relatos sobre a gestação e parto foram retrospectivos, já que as mães falaram sobre esse período no 6º mês do bebê, antes mesmo de ele entrar na creche (período de licença maternidade). Diversas categorias e subcategorias nortearam a análise de cada eixo temático. Os relatos que melhor ilustraram cada categoria foram apresentados ao longo da exposição dos resultados.

#### **Percepções sobre o papel materno atrelado à vida profissional**

O presente eixo está associado às ideias de Espíndula e Caetano (2008) e aponta para a percepção do papel materno atrelado à vida profissional, tendo em vista que essa percepção pode se alterar com a concreta necessidade da mãe dividir-se entre maternidade e trabalho e dividir os cuidados ao bebê com as educadoras da creche no retorno ao trabalho. Além disso, o eixo também incluiu as percepções maternas com relação à amamentação após o retorno da mãe ao emprego, já que essa experiência poderia influenciar de alguma forma sua identidade de mãe.

No período gestacional, as percepções sobre a nova identidade foram vivenciadas de forma bastante semelhante pelas participantes do estudo, especialmente no aspecto que envolve a intensa mudança e o receio em não conseguir conciliar as exigências maternas e profissionais: *“Aí eu fiquei, nossa, no primeiro momento eu fiquei baratinada, nossa, e agora? O primeiro impulso que eu tive foi: como que eu vou organizar tudo isso?”*(M1); *“A minha preocupação maior como mãe é que eu não tinha certeza se eu ia conseguir dar conta das atividades da universidade porque eu trabalho muito com pesquisa e eu sabia que isso ia continuar mesmo ele vindo, e com ele ao mesmo tempo. Então a minha preocupação maior era de conciliar estas atividades porque eu sabia que também não ia conseguir deixar totalmente as atividades da pesquisa. E nem queria, então essa era a preocupação maior, se eu ia dar conta.”*(M2); *“Preocupação com os meus horários, depois que ele ficasse maior, [...], que ele ficasse com seis meses que eu tivesse que voltar a trabalhar, será que eu ia conseguir conciliar tudo e atender ele? Outra coisa, será que eu ia conseguir atender as expectativas dele?”*

*Será que eu ia conseguir ter uma interação legal com ele?”(M3). A mesma mãe, no período de licença maternidade, reafirmou suas dúvidas: “Eu sempre trabalhei fora, e nos primeiros dias eu fiquei pensando, fiquei pensando se eu ia conseguir atender, ser mãe, e não, porque eu sempre fui acostumada só a trabalhar, será que eu ia conseguir? Como se fosse uma nova tarefa, será que eu ia conseguir vencer, ter sucesso nessa tarefa? Desde esses primeiros meses.”(M3).*

Ao mesmo tempo, se fizeram presentes na gestação movimentos maternos de readaptação frente a novas demandas: *“Aí eu comecei a tirar alguns dias pra me dedicar a ele também. Eu comecei a perceber que até posso fazer as duas coisas, mas que eu preciso ter alguns momentos pra ele, coisa que antes não precisava ter, então aí eu comecei a tirar alguns dias pra isso ou saía mais cedo ou fazia, né... trocava também alguns dos meus horários e isso foi me deixando um pouco mais tranquila e assim foi quando ele nasceu também.” (M2); “Daí eu comecei a organizar a minha vida a partir dele. Acho que um bom tempo ainda vai assim, tudo que eu fizer, que organizar, meus horários, vai a partir dele né. Até ele ficar mais independente, maior.” (M3). Essa última mãe, no entanto, percebia essa readaptação como algo positivo, conforme complementou: “Mas agora eu já sei que tudo pode se dar um jeito. A gente corre um pouco mais, dá um pouco mais de trabalho, mas vale a pena.” (M3). Ainda quanto à readaptação, no período que abrange um mês após retorno ao trabalho, uma das mães destacou que se fizeram necessários para sua organização alguns momentos sem a presença do bebê: “Eu aproveitei, corri um monte nesse período, né, corri pra organizar, as minhas coisas, enfim, pra organizar o retorno, porque em casa, com ele, é impossível de fazer as coisas, né, é muito, ele demanda muito. Então, acabei correndo um monte. Aproveitei. Bah! Bastante mesmo.” (M1).*

Quanto às percepções maternas atreladas à divisão dos cuidados com as educadoras da creche, uma mãe, ainda no período de licença, apontou que se sentia tranquila para deixar a criança na creche: *“Eu acho que eu sou responsável, sou atenciosa, sou ainda um pouco medrosa e ansiosa. Sou amorosa, mas também, ao mesmo tempo, eu sinto que eu sou uma pessoa bem independente. Não sou, tipo, apregada, sabe aquela de não deixar ele ir na creche, não deixar ele ir com outra pessoa, não deixar outra pessoa pegar ele, eu não tenho esse tipo de medo. Nessa parte eu sou bem independente. Cuidadosa, sou bem cuidadosa, às vezes sou até demais.” (M3). Por outro lado, após a entrada do bebê na creche, sentimentos como insegurança surgiram para outra mãe, principalmente quanto à divisão dos cuidados ao bebê com as*

educadoras, num ambiente desconhecido e pouco acessível para a mãe: *“Então no início eu achei que fosse um pouco mais rápida, mas na verdade, não que foi difícil a adaptação, até porque como tinham várias crianças começando ao mesmo tempo, nos horários que eu chegava já não era mais permitida a entrada dos pais na sala né, então eu só deixava, elas vinham buscá-lo e levavam né. Então eu não via pra onde ele ia e a impressão que eu tinha quando ele saía é que ele estava assim sempre um pouco angustiado né, aquela coisa de com uma carinha meio chororô. (M2)* A mesma mãe ainda complementou: *“É, na primeira semana fiquei um pouco, assim, de não poder ver como é que estava sendo a recepção dele naquele ambiente, que eu queria poder estar observando como é que ele estava reagindo, pra perceber se ele estava reagindo bem ou...” (M2).*

Por fim, no que se refere às percepções maternas ligadas à amamentação após o retorno ao trabalho, somente uma mãe narrou suas vivências após a entrada do bebê na creche: *“Durante a noite ele, às vezes, tem acordado mais, até às 23:00 por aí. Mas até agora falando com a minha médica, acho que é fome! (risadas). Porque acho que o leite está diminuindo né, como quando ele chega em casa, aí eu não dou mais uma janta, porque já recebe janta na creche. E eu acho que o meu leite não está sustentando, então ele fica acordando mais com essa coisa de querer mamar. Então eu vou testar agora [...], eu acho que pode ser porque ele não pegou muito peso nesse último mês e ele está comendo super bem, então acho que o que tá faltando é o leite à noite. Vou dar uma mamadeira mesmo. E a gente começa a diminuir o leite...” (M2).* Essa fala indica que a mãe percebia e interpretava as mudanças no padrão alimentar e de sono da criança como consequências da falta de leite materno, o que ela procurou resolver de forma prática, substituindo o peito pela mamadeira.

Neste eixo, predominaram sentimentos de dúvida e receio em não conseguir conciliar as demandas maternas com as exigências profissionais, principalmente no período da gestação, logo após as mães terem recebido a notícia da gravidez. Também estiveram presentes nas vivências maternas estratégias de reorganização à nova etapa da vida e às múltiplas exigências da maternidade e da vida profissional, desde os primeiros dias após o parto, no período de licença maternidade. Por outro lado, a divisão de cuidados com as educadoras da creche e a amamentação após o retorno ao trabalho foram aspectos menos enfatizados pelas mães. Uma, porém, apresentou maior insegurança no período de adaptação do bebê à creche e também foi a única que mencionou a necessidade de readaptação da amamentação após seu retorno ao trabalho.



### **Motivos de escolha e expectativas maternas sobre o ingresso do bebê à creche**

O presente eixo refere-se aos motivos de escolha e expectativas maternas sobre o ingresso do bebê à creche. Muitas mães recorrem à creche pela impossibilidade de cuidarem de seus bebês após a licença-maternidade. No entanto, Rapoport (2003) aponta uma variedade de razões que levam as mães a deixarem seus filhos em creche, destacando-se a necessidade da mãe trabalhar e à falta de pessoas disponíveis para cuidar do bebê, além dos benefícios que a creche pode trazer para o desenvolvimento do mesmo. Assim, as justificativas maternas indicam, ao mesmo tempo, os motivos pessoais que as levaram a decidir pela creche, bem como o que as mães esperam dos cuidados oferecidos nesse contexto. Esse eixo foi abordado, uma vez que se entende que os significados que as mães atribuem à entrada da criança na creche permeiam suas vivências no retorno ao trabalho e podem facilitar ou dificultar esse processo.

Diversos motivos de escolha e expectativas quanto à creche foram manifestados pelas mães, principalmente na entrevista realizada no período de licença maternidade. Um dos principais esteve relacionado à possibilidade de socialização da criança com os demais, sendo este um motivo bastante relatado pelas mães no período de licença maternidade: *“Ele vai ter mais interação, muitas outras pessoas, os coleguinhas, então isso eu acho que vai ser o principal diferencial assim, ele se desenvolver nesse aspecto relacional mesmo.”* (M1); *“Questão de colocá-lo numa atividade, tem algumas mães que incentivam muito isso, que eu admiro também, no sentido de participar de grupos de música ou algum esporte, alguma coisa assim que faça ele conviver em grupo.”* (M2) e; *“Mas eu acho que uma creche tem também a questão da socialização que é muito importante. Como ele vai ser esse filho único eu acho bom ele ter contato com outras crianças.”* (M3). Uma das mães apresentou esta expectativa que compete à socialização do bebê desde a gestação: *“Mas eu acho que aí tem a questão da creche, tem a questão dele conviver com outras crianças, ajuda na socialização dele.”* (M3).

O estímulo ao desenvolvimento, principalmente cognitivo, também foi um dos destaques nas respostas maternas no que tange os motivos de escolha e expectativas, relatados durante a licença maternidade: *“São educadoras que estão na creche, acredito que isso é bom para o desenvolvimento dele. Eu nunca tive... eu nunca visualizei a creche como que fosse uma coisa ‘ai, é um castigo ter que largá-lo na creche’, castigo pra ele. Não, eu sempre visualizei isso como uma coisa interessante, um local de aprendizado também.”* (M2); *“Então se for uma creche que tenha uma boa*

*infraestrutura, e que tenha um pessoal assim, mais, com capacidade, com profissionalidade, eu acho que ajuda muito mais do que ficar só em casa. Claro que uma pessoa em casa vai suprir ele na alimentação, vai dar carinho, vai brincar com ele, mas não vai desenvolver essas habilidades que são importantes pra criança desenvolver nessa etapa da vida dela, que é do zero aos seis anos, que eu acho que é uma base pra depois a criança aprender mais quando estiver numa escola, no ensino fundamental.” (M3), “Aquelas coisas que ele faz, do desenvolvimento motor dele, eu acho que vai ajudar ele a engatinhar, caminhar. A linguagem também né. Aquelas habilidades também que eu acho, várias habilidades que são necessárias, habilidades cognitivas que são necessárias na aprendizagem dele, eu acho que ali ele vai ter vários. Eu vi, eu vejo ali que tem brinquedos, tem jogos, tem atividades.” (M3).*

Outro motivo bastante expressivo, relatado no período que compreende a licença maternidade, referiu-se aos cuidados adequados que o bebê pode receber na creche na qual estão inserindo a criança: *“Claro, todo cuidado, tem todo um know-how, a creche tem uma bagagem, essa coisa da rotina, dos cuidados, alimentação, eu acho que isso tudo funciona muito bem.” (M1); “Eu acho importante ele ter a rotina dele nanar, mamar, tomar um banho. Ter algumas coisas assim, que trazem segurança pra ele saber o que é que acontece depois.” (M2) e; “Então, é uma creche boa, todo mundo fala que é uma das melhores que tem, a gente vê pela infraestrutura, pelo atendimento.” (M3).*

Embora as mães manifestassem estar seguras quanto aos cuidados oferecidos pela creche, uma delas manifestou certa preocupação com relação à questão da saúde do bebê: *“Mas ao mesmo tempo eu estou convencida que eu convivi com meus sobrinhos e eles nunca frequentaram creche naquela época e também ficam doentes, pegam virose, ficam com febre, faz isso, faz aquilo, então eu acho que faz parte tudo isso, então eu estou encarando dessa maneira e que isso faz parte do jogo e ele vai ter que passar por isso também e a gente vai tentar passar da melhor maneira possível.” (M2).*

Ainda, o aspecto financeiro, associado à segurança na qualidade da creche, foram motivos de escolha unânimes entre as três mães participantes do estudo: *“Primeiro, o fato de ter esse benefício. E financeiramente é muito importante pra nós ser essa creche, da gente não ter gasto com isso né. Então estava fora de cogitação qualquer outra opção, aqui eu sempre tive as melhores referências, desde o início da gravidez, de colegas que eu conheço, falam muito, muito bem da creche, é uma creche muito boa. E todos os colegas com quem eu tive contato, que tiveram ou têm os filhos*

*aqui, falam, muito, muito bem. Então eu sempre fiquei bem tranquila desde o início, nem cogitei outra opção.” (M1); “Eu tenho amigas que têm os filhos e sempre ouvi falar que é uma creche boa, tem um bom acompanhamento quando as crianças saem, tem parquinho, saem para passear também, bastante.” (M2); “Além dos motivos financeiros, óbvios, a questão de que eu sempre ouvi falar muito bem da creche, então eu fiquei aliviada de ter que precisar procurar uma creche.” (M2) e; “É uma creche boa, todo mundo fala que é uma das melhores que tem, a gente vê pela infraestrutura. Não foi necessário a gente pagar, então a gente pode economizar dinheiro pra comprar outras coisas pra ele né.” (M3).*

A rede de apoio como um suporte importante nesta etapa da maternidade se configurou explicitamente como inexistente no relato de duas das mães, o que parece ter permeado sua escolha pela creche: *“A principal questão é de não ter uma pessoa de confiança que pudesse ficar com ele em casa e nem ter parentes próximos que também pudessem dar uma ajuda neste início. Então, essa foi a questão principal de colocá-lo na creche.” (M2); “ Como a gente não é daqui, nem eu nem o Paulo, então a gente fica com muito medo de arrumar uma pessoa pra ficar com ele, sem a gente conhecer bem né. Porque a gente, todo mundo, tanto as colegas do Paulo como as minhas colegas dizem ‘ah, é difícil tu arrumar uma pessoa que tu vá confiar, porque vocês não são daqui, vocês tem que confiar primeiro’.” (M3). Devido à falta de rede de apoio, uma das mães optou pela creche e enfatizou que se não houvesse essa possibilidade seria cansativo e ansiogênico procurar uma cuidadora: “Até porque se não fosse isso teria que pagar alguém pra ficar em casa, tudo isso, eu acharia extremamente desgastante. Ter que selecionar alguém, alguém que eu confiasse, confiar pra ficar com ele em casa” (M1).*

Em geral, pode-se ressaltar que alguns motivos de escolha e expectativas maternas sobre o ingresso do bebê à creche foram destaque entre as verbalizações maternas, sendo eles: socialização do bebê com os demais; estímulo cognitivo que a creche pode oferecer; cuidados adequados, envolvendo em especial rotina regrada e alimentação balanceada; segurança relacionada ao bem-estar físico e o benefício financeiro.

### **Estratégias de enfrentamento da mãe frente ao conflito maternidade X trabalho**

No eixo III, examinaram-se os dados pertinentes às estratégias de enfrentamento da mãe frente ao ajuste maternidade X trabalho. Para muitas mães, especialmente

primíparas, enfrentar o momento de retorno da licença-maternidade é extremamente angustiante. Para tanto, se faz necessário adotar algumas estratégias que as conforte durante este período, minimizando o sofrimento e facilitando na reorganização de uma nova etapa. Este eixo temático explora fenômenos que implicam a utilização de estratégias de enfrentamento, que se apoiaram na literatura de Barbosa et al. (2010) e Lopes, Catarino e Dixe (2010).

Mesmo antes das mães retornarem ao trabalho e deixarem o bebê na creche, algumas já manifestaram estratégias de enfrentamento quanto à divisão maternidade e trabalho. Nos relatos da mãe 01, desde a gestação, percebeu-se claramente que a desidealização do papel materno parecia funcionar como estratégia de enfrentamento: *“Ser mãe, parecia que não me fazia muita falta, pra eu me sentir mais feminina, me sentir mais mulher, isso não era uma coisa que me batia desse modo”*. Sentimentos semelhantes se estenderam pelo período de licença maternidade: *“Eu gosto mais de deixar fluir, de ver como que a coisa está se construindo, do que tentar moldar demais assim sabe. Ou me frustrar achando que tinha que ser daquele jeito ou do outro. Não me passam essas demandas, eu não me sinto demandada pra um modelo, pra um padrão, pra representar um modelo, isso realmente não me passa. Não sinto isso. E aí vai acontecendo”*. A mesma mãe também associou sua experiência com a de sua própria mãe: *“É, uma coisa boa que a mãe sempre teve, apesar de ela trabalhar muito, ela sempre esteve conosco. Ela sempre estava ali, ela sempre se dedicou muito. A vida dela foi se dedicar para agente. Eu não acho que isso seja totalmente certo, porque ela acabou ficando muito circunscrita a isso e eu vejo que até certo ponto foi muito opressivo pra ela né. Uma coisa importante eu acho tentar dosar esse limite, enfim, a partir de agora eu não vou ser exclusivamente dele, só dele e deu, ele é o sentido da minha vida. A mãe me falava muito disso, que tudo que ela queria era ser mãe, aquela coisa, depois ela viu que apertou, que o bicho pegou. Não era bem como talvez ela fantasiava, que dá muito trabalho. Eu acho que um pouco por isso também, que eu tinha restrições da ideia de ser mãe, da necessidade disso, eu pensava: será que eu preciso disso pra me realizar? Eu acho que não né, aconteceu, enfim, é mais um evento pra dar conta. É uma pessoa a mais né, junto com a gente”*.

Já durante o período de licença maternidade, algumas mães apontaram como estratégia de enfrentamento o não afastamento completo do trabalho durante esse período, incluindo a criança na rotina profissional: *“A gente está sempre indo e vindo pro sítio no final de semana, então ele teria que entrar nessa minha rotina e ele está*

*entrando super bem, não mudei meu dia a dia por ele, ele que chegou se adaptando [...]Principalmente quando eu tinha reuniões , daí então ele ia junto comigo, dormia no carrinho. [...]Sempre me acompanhou. Meu apêndice (risos), sempre ia junto. Agora, no final, que eu deixei ele umas duas vezes junto com o Carlos em casa e eu ia pra reunião. Aí ele estava dormindo ou estava quase na hora de dormir, já tinha mamado. Mas se não, várias vezes eu levei ele junto.” (M2); “Levei ele muito lá pra faculdade, no ambiente onde eu trabalhava. Depois ele voltava, eu dava mama pra ele, ele tirava outra soneca.” (M3). No entanto, uma das mães percebeu que em determinado momento precisou interromper um pouco as demandas profissionais e dedicar-se ao bebê: “Então, as primeiras duas semanas foram um pouco estressantes, ainda no sentido que, justamente eu tinha uma orientanda que estava finalizando a monografia e deu alguns problemas assim. Então isso foi na segunda semana, da segunda pra terceira semana. Os primeiros dias foram super bons, a minha mãe ficou com a gente uns dois dias. A gente ficou uns dias aqui em Porto Alegre, depois fomos pro sítio, onde a gente tem uma casa maior, mais espaçosa, então foi tudo super tranquilo, ele mamando. Deu tudo certo. E aí nessa segunda para terceira semana que ele começou com algumas cólicas bastante fortes e aí eu estava com essa função... aproveitei enquanto a mãe estava em casa ainda, então foi antes desses dez dias pra tentar, por e-mail, estar orientando essa menina. Só que daí começou as cólicas dele e a gente terminou o trabalho e eu me dei por conta que as cólicas dele eram porque eu estava nervosa. [...]Até que eu acho que percebi, na verdade foi eu ter deixado um pouco as coisas do meu trabalho de lado pra atender ele melhor e não... porque nesse início ele realmente mama muito seguido, então uma dedicação maior...” (M2).*

Acreditar que o retorno ao trabalho seria uma forma de possibilitar melhores condições de vida para o filho também foi uma estratégia verbalizada por uma das mães no período que compete à licença maternidade: “*Eu vou trabalhar, não vou passar muito tempo com ele. Eu sempre gosto de dar o que puder pra ele.*” (M3). A mesma mãe complementou: “*Então, [...] é uma creche boa, todo mundo fala que é uma das melhores que tem, a gente vê pela infraestrutura*” (M3).

Passado um mês da entrada da criança na creche e do retorno da mãe ao trabalho, uma estratégia de enfrentamento bastante utilizada pelas mães baseou-se nas percepções destas com relação às mudanças comportamentais positivas da criança. Nesse sentido, parece que exaltar as mudanças positivas da criança após seu retorno ao trabalho e a entrada do bebê na creche foi uma forma de as mães lidarem melhor com

esse momento. Tais percepções evidenciaram-se de forma bastante significativa no período que compreendia um mês após o bebê entrar na creche: *“Ele continua, né, se desenvolvendo, ele aprendeu algumas coisas, o que que a gente viu, alguma coisa com a boca, assim, ele tá mais, né, articulado. Ele aprendeu a engatinhar, então, enfim, ele já mais ou menos, aqui, ele já se arrastava, um pouco antes de entrar, e fazia aqueles ensaios, assim, de ficar de quatro e a bundinha pra frente e pra trás. Aí, ele deslanchou, assim, agora, depois do final dessa segunda semana de creche”* (M1); *“Ele está um pouco mais atento. Tem uns brinquedos que tem, assim, vários triângulos de tamanhos diferentes, se eu coloco os triângulos ali dentro né, ele já vai lá e quer tirar então tá com essa noção, assim, está mais atento.”* (M2); *“Ele desenvolveu uma habilidade diferente da maneira que estava. Acho que eles tem bastante brinquedo e elas colocam ele no colchão no chão e acho que eles ficam tentando pegar os brinquedos e aí lá em casa ele está fazendo isso também.”* (M3).

Além da percepção das mudanças comportamentais do bebê, perceber as respostas emocionais positivas da criança também configurou-se como uma importante estratégia de enfrentamento das mães um mês depois que o bebê estava na creche. *“Eu percebo que ele gosta, né. Ele gosta de ir pra lá, ele olha pra todo mundo e ri pra todo mundo [...]e ele faz festa mesmo e explode. Então eu acho que foi tudo muito bem [...]Ele volta bem faceiro. Quando eu entrego ele, ele vai feliz, a gente, parece que já reconhece, assim, as profes, né. Por isso, assim, eu acho que ele, ele está ficando muito bem* (M1); *“Ele está tranquilo, a gente percebe que ele está gostando da creche né. A gente chega ele já tá, tá sempre brincando; feliz, sempre.”* (M2) e; *“Desde o primeiro dia ele se adaptou bem e agora a gente chega lá, ele vai pro colo, e ele dá risada, eu já me despeço dele e quando chego de tardezinha ele me reconhece e fica bem faceiro, daí eu pego ele e aí até essa parte me surpreendeu, eu espero que continue assim né. [...]Até porque agora comecei a trabalhar, achei que ele ia ficar mais enjoado, mas não. Depois eu chego ele já me conhece claro, me conhece mais né, então fica faceiro dando risada.”* (M3). Enquanto essa última mãe enfatizou que o bebê a conhece e responde a isso, outra mãe relatou que não sentia que o bebê estava a buscando mais após a entrada na creche: *“Ele tá mais, ele tá mais manhoso, assim, parece, sabe, ele quer mais colo, ele quer mais olhar as coisas. Ele não tá mais se satisfazendo com o espacinho dele. Ainda mais não podendo escalar a estante (risos). Então... Isso eu tenho notado, que ele... Mas eu acho que é um pouco em relação ao espaço, né, então, quer vir no colo porque ele sabe que eu vou ficar andando, né, com outras coisas junto.*

*Então, eu ponho ele no saco, ali e a gente vai andando, pra ficar pegando as minhas coisas...*” (M1). Assim, esta mãe entendia que a busca do bebê pelo seu colo era mais por uma necessidade instrumental (ajudá-lo a explorar o espaço) do que uma necessidade emocional de maior proximidade.

Também estiveram presentes, trinta dias após o ingresso do bebê na creche, relatos envolvendo a percepção da creche como um suporte para a mãe voltar a trabalhar. Assim, as três mães enfatizaram a importância desse contexto na transição para o trabalho e como uma estratégia de enfrentamento nessa situação: *“Eu acho que a acolhida foi muito boa, muito. A gente percebe que é tudo muito bem estruturado, realmente, eu sempre tive ótimas, excelentes referências aqui da creche, tudo bem organizado, estruturado, bem pensado, planejado, né. Então, foi tudo muito bem, elas sempre tiveram, se colocaram bem à disposição.”* (M1); Uma das mães ainda destacou a importância deste suporte confiável: *“Porque de repente se não tivesse com quem deixar ou não confiasse na creche né, aí de repente eu não ia me sentir tranquila trabalhando.”*(M3). Outra mãe revelou a importância deste suporte ainda no momento em que estava de licença: *“A expectativa de retomar a minha vida. Acho que agora já deixou o guri mais tranquilo pra eu conseguir retomar meus problemas de trabalho, sabendo que ele vai estar tranquilo na creche.”* (M2).

Outro fator que parece ter contribuído para o enfrentamento das mães foi a possibilidade de retomarem aspectos de sua vida pessoal após o retorno ao trabalho e a entrada do bebê na creche, o que parece ter auxiliado na melhora de sua autoestima. As três mães relataram satisfação em poder retornar ao trabalho: *“É, eu estou me sentindo bem né. Te comentei antes, é bom saber que eu posso fazer minhas coisas e deixá-lo num ambiente que eu vejo que ele está bem.”* (M2). *“Outra coisa também, eu senti falta do meu trabalho, como eu falei eu sempre trabalhei, eu sinto falta também do trabalho, ao mesmo tempo que eu gosto de estar com ele, eu sinto falta do trabalho. São, bem dizer, seis meses né.”* (M3). *“Porque eu sempre gostei de trabalhar. Eu gosto muito de trabalhar. É claro que às vezes dá um, dá um conflito, assim, porque eu também gostava de ficar em casa com ele, mais tempo brincando, mas, sem maiores dramas”* (M1). Na mesma direção, também foram manifestados sentimentos de conformidade diante da grande demanda de trabalho, o que demonstra que a volta ao trabalho de fato é recompensadora para esta mãe: *“Então estou me sentindo de novo sobrecarregada, cheia de trabalho pra fazer mas, tudo bem, tudo tranquilo.”* (M2).

Assim, com o término da licença maternidade, as mães deixaram de dedicar atenção exclusiva ao bebê, voltando-se também ao trabalho. A necessidade de compensar o tempo em que estiveram distantes do bebê, dedicando-se intensamente a ele quando na sua presença, foi outra estratégia de enfrentamento apontada por todas as mães deste estudo: *“Mais relevante pra mim é o brincar mesmo, né. É a qualidade do brincar, de ele ter esse espacinho dele pra poder se movimentar, poder explorar os brinquedos, ter essa interação assim, isso, eu acho que isso pra mim é o mais importante. Que eu tenho procurado investir bastante, estar bastante tempo com ele no tapetinho ali, com os brinquedos, vendo o que que ele gosta mais, o que ele gosta mais de fazer, as evoluções que ele está tendo, o que ele observa. Então, acho que isso é o mais importante, que ele passa em casa, onde eu passo o maior tempo com ele”* (M1); *“Porque daí final de semana eu quero ficar a maior parte do tempo com ele, porque durante a semana eu já vou trabalhar né. [...]Eu deixo o final de semana pra ir mais na Redenção, pra passear com ele em parque.”* (M3). *“Tenho procurado chegar cinco e meia aqui né; na creche pra buscá-lo pra não ficar tão tarde né. Embora pudesse deixar até às seis e meia tenho evitado isso, tenho chegado no primeiro horário que eu posso pra poder ficar um pouco com ele também né, porque se não ele dorme cedo quando vê eu já não vou mais estar interagindo.”* (M2).

Resumidamente, as principais estratégias de enfrentamento utilizadas pelas mães para lidar com o ajuste maternidade e trabalho, antes do retorno as atividades profissionais, foram a desidealização do papel materno e o não afastamento completo da mãe em relação ao trabalho. Por outro lado, efetivamente quando a mãe se afastou da criança, a exaltação das mudanças comportamentais positivas da criança e de suas respostas emocionais na creche contribuíram significativamente para o enfrentamento do momento vivenciado pelas mães. A percepção da creche como um suporte necessário e seguro para o retorno ao trabalho, além da possibilidade de a mãe retomar sua vida pessoal, foram também importantes estratégias levantadas pelas mães. Por fim, diante dessa necessidade de utilizar outras formas de cuidado ao bebê, a necessidade de compensar o tempo ao bebê dedicando-se intensamente a ele quando na sua presença foi também uma estratégia bastante enfatizada pelas mães.



## CAPÍTULO IV

### DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo sugerem que as vivências maternas em mulheres primíparas, desde a gestação até o retorno ao trabalho, são bastante semelhantes em diversos aspectos. O fato de receber com grande surpresa a notícia da gravidez, bem como o receio em não conciliar as demandas maternas e profissionais, foram vivências que estavam presentes a todas elas. As mães apresentaram sentimentos que envolvem preocupações com a organização de suas vidas, além de medo em não suprir as expectativas do bebê e na verdade suas próprias expectativas, já que estavam em um momento profissional estável e até mesmo de sucesso. A gravidez e o tornar-se mãe são processos bastante complexos, embora representem uma transição esperada no processo normal de desenvolvimento. Envolve a necessidade de reestruturação e reajustamento em várias dimensões. Verifica-se, na mulher, a necessidade de uma mudança de identidade e uma nova definição de papéis. (Maldonado, 1994). Debray (1988) complementa que o tornar-se mãe assinala o acesso à maturidade, assumindo um novo papel, sem deixar os papéis já conquistados.

Frente às preocupações com a organização do período que compete o retorno ao trabalho, as mães conseguiram apresentar movimentos de readaptação diante a novas demandas ainda no período gestacional, criando alternativas para dar conta do trabalho e especialmente do bebê. Essas alternativas, muitas vezes, foram de cunho prático e objetivo, como sair mais cedo do trabalho para poder ficar mais tempo com o filho e, reorganizar seus horários para estar mais presente no dia a dia do bebê. Quando conseguiram encontrar a melhor forma de lidar com as novas exigências, houve sensação de alívio da ansiedade e recompensa. Com isso, se evidencia que em mães que possuem características de maior praticidade, há uma sensação de que o distanciamento do bebê e o retorno ao trabalho não sejam geradores de sofrimento maior. Pode-se entender também que, embora a maternidade para essas mães tenha significado a perda de alguns elementos fortes de sua identidade, como o foco na carreira, o nascimento do bebê trouxe também importantes recompensas, como as que Leff (1997) destaca: gratificação pela participação no crescimento e desenvolvimento do bebê e o indescritível sentimento de responsabilidade por um ser tão dependente. Essas recompensas, assim, permitiriam equilibrar perdas e ganhos e contribuir para que as mães lidassem de forma mais tranquila com o retorno ao trabalho e o distanciamento do bebê.

A insegurança quanto à adaptação do bebê à creche não foi algo acentuado nas falas das mães, aparecendo com discrição no estudo. Talvez, acreditar numa adaptação de sucesso poderia funcionar, para essas mães, como defesa contra suas ansiedades advindas do retorno ao trabalho e da inserção inevitável da criança a um cuidado alternativo. Sendo assim, com o fato de haver a necessidade e desejo de retornarem ao trabalho, o surgimento de empecilhos desta ordem dificultaria este processo. De qualquer forma, sentimentos de insegurança foram mencionados por uma das mães do estudo, os quais, neste caso, poderiam estar relacionados a sensação de perda de controle da mãe, pois até o momento de entrada na creche a mesma tinha domínio sobre a rotina do bebê.

O segundo eixo focalizou os motivos de escolha e expectativas maternas sobre o ingresso do bebê à creche, sendo a possibilidade de socialização da criança com os demais um dos principais motivos destacados pelas mães deste estudo. Com o fato de todas as mães trabalharem, havia a necessidade de se pensar que este bebê precisaria ser cuidado por outros cuidadores além da mãe, assim, já se daria início ao processo de socialização da criança. Rapoport e Piccinini (2004) apontam que a creche pode ser vista pelas mães como um cuidado alternativo que supri as crenças sobre a importância social e educacional. No caso específico das mães do presente estudo, talvez o foco na socialização da criança no contexto da creche possa estar também relacionado com o fato de todas as crianças serem filhos únicos, o que foi enfatizado nas falas das mães. Assim, estar ciente desse possível benefício da creche e segura com a escolha realizada pode ter facilitado o retorno das mães ao trabalho.

Outra categoria que teve destaque neste estudo foi representada pela possibilidade de maior estímulo cognitivo que a creche pode proporcionar. As mães manifestaram expectativas quanto a tais estímulos diante da visualização das respostas comportamentais particulares do próprio desenvolvimento da criança, além do maior aprendizado que poderiam desenvolver futuramente estando na creche, ambiente este entendido por elas como estimulador de novas habilidades e potencialidades do bebê. As mães apresentaram desejos de que houvesse um auxílio da creche quanto ao melhor desenvolvimento de capacidades que facilitarão o ingresso futuro das crianças no ensino fundamental. Sendo assim, parece que as mães utilizaram explicações racionais para a entrada da criança na creche, o que pode ter contribuído para aplacar sentimentos negativos advindos do distanciamento.

Outro motivo bastante significativo envolvendo o ingresso do bebê à creche

referiu-se aos cuidados adequados que a criança recebe neste ambiente, onde se mostrou o fato de ser uma creche conhecida por apresentar um histórico qualitativo, com uma adequada estrutura e principalmente pelo tempo de experiência no mercado. As mães sentiram-se seguras e imaginavam que a rotina facilitaria nos cuidados, o que nos faz pensar que em casa sob os cuidados delas talvez não conseguiriam manter uma rotina tão estruturada como uma creche que trabalha especialmente com isso. Esta linha de raciocínio contraria de certo modo o pensamento de que o papel materno está associado a uma pedagogia do cuidado, sendo a mãe a grande responsável pelo bom desenvolvimento infantil (Espíndula & Caetano, 2008), o que transmite uma ideia de um excesso de responsabilidade direcionado a uma só pessoa. Talvez, esse pensamento esteja se modificando na atualidade, tendo em vista a nova identidade da mãe moderna, sendo aquela que se satisfaz na maternidade, mas também no trabalho, no lazer, nas amizades, etc. As mães do presente estudo evidenciaram muita tranquilidade em dividir os cuidados ao bebê com a creche, o que pode refletir essa mudança de concepção em relação à maternidade.

Ainda, Rapoport e Piccinini (2006) reforçam o fato de que nem sempre a mãe, sozinha, consegue suprir todas as necessidades do bebê, sendo o auxílio da creche, a ajuda do marido e de outras pessoas de sua rede de apoio, importante tanto para as novas, quanto para as mães experientes. A importância do apoio de familiares, instituições formais e empregados para a mulher grávida e a nova mãe são fundamentais. A presença deste apoio social tende a aumentar a responsividade materna, beneficiando o bebê, a relação mãe-bebê e a relação conjugal, especialmente em situações estressantes. Nesse sentido, a creche, hoje, assume também o importante papel de apoio social à família, além do trabalho com as crianças. Tendo em vista que muitas famílias, como as do presente estudo, não possuem parentes próximos disponíveis, poder contar com a creche permite que a família se readapte à chegada de um filho.

No tocante ao aspecto financeiro como um benefício indispensável para as mães da pesquisa, associado a segurança do ambiente tendo referências adequadas, podemos mencionar que foram motivos unânimes entre elas. As mães que participaram do atual estudo transmitiram sentimentos de tranquilidade com o fato de poder contar com este benefício aliado a qualidade da creche em que seus bebês se encontravam. Para facilitar a manifestação do sentimento de tranquilidade, parece ter sido necessário um movimento de busca de informações com colegas que já tiveram seus filhos na mesma

creche, objetivando buscar subsídios para não surgimento da culpa. De certo modo, em paralelo a isso, a rede de apoio inexistente facilitou a busca pela instituição, pois a insegurança era algo manifesto, já que teriam que confiar em um desconhecido.

No eixo que compete as estratégias de enfrentamento da mãe frente ao ajuste maternidade e trabalho, a desidealização do papel materno foi uma das estratégias bastante enfatizadas neste estudo. Percebe-se esse fenômeno especialmente quando uma das mães refere que a maternidade não lhe fazia muita falta e que as mudanças advindas deste processo são intensas para algumas mães, citando sua própria mãe como exemplo. Explicou que não se sentia demandada para um modelo materno, tampouco sentia grande necessidade de tornar-se mãe, não sentindo-se mais realizada e feminina devido este fato. No entanto, Brazelton e Cramer (1992) mencionam que o desejo que uma mulher sente de ter um filho é alimentado por motivos e impulsos psíquicos diversos, como, por exemplo, a possibilidade de satisfação de necessidades narcisistas da mulher, que dizem respeito a sentimentos inconscientes de elevada onipotência e autoestima, os quais também podem ser uma condição protetora para o psiquismo da mãe. Sendo assim, é possível que a desidealização do papel materno esteja relacionada a uma forma prática e racional de lidar com as exigências atuais contemporâneas, ou seja, ser uma boa mãe e esposa, além de ter sucesso pessoal e profissional. As exigências atuais são inúmeras e nem todas as mães estão preparadas para dar conta de todas elas. A dedicação excessiva ao bebê, sem outras alternativas de apoio, nos remete a uma mãe que exclui suas necessidades individuais, oprimindo de certo modo outras necessidades, como foi citado por uma das mães. De encontro a isto, hoje em dia as mães parecem buscar estratégias que conciliem as demandas, tentando muitas vezes não afastarem-se por completo de suas atividades, para não perder a essência da mulher atual. Assim, os bebês são inseridos em um contexto onde além da mãe, o bebê também precisa adaptar-se. A mãe vai, na medida do possível, tentando verificar quais prioridades e lançar mão de cuidados mais necessários em alguns momentos.

Em relação à desidealização do papel materno, ainda, destaca-se que, embora essa estratégia tenha uma função importante na diminuição das ansiedades das mães, quando exacerbada, pode constituir-se como um fator de risco à interação mãe-bebê e conseqüentemente ao desenvolvimento da criança. Isso porque, talvez, a desidealização pode incluir a falsa ideia de que os bebês são menos dependentes (física e emocionalmente) das mães do que se imagina. Nesse sentido, sentimentos como culpa, sensação de abandono ao bebê, insegurança, podem ser protetivos, já que relacionam-se

a uma necessidade de reparação e conseqüentemente de empatia e aproximação ao bebê e às suas reais necessidades. Por exemplo, ao falar sobre sua relação com o bebê após a entrada na creche, a mãe do caso 01 afirmou que percebia o bebê recorrendo a ela com mais frequência do que o habitual. No entanto, interpretava essa busca não como necessidade emocional do bebê em fortalecer o vínculo com a mãe, mas como mera necessidade de ajuda de um adulto qualquer para alcançar objetos ou lugares que sozinho não conseguia. Essa necessidade de racionalização exacerbada parece afastar a mãe do bebê e de suas necessidades reais.

Outra estratégia de enfrentamento das mães diante da necessidade de retornarem ao trabalho, foi a percepção e exaltação das mudanças comportamentais positivas da criança. Tais mudanças já eram, de certo modo, esperadas por elas quando mencionaram que o estímulo cognitivo seria um dos motivos de escolha pela creche. Entende-se que visualizar concretamente as mudanças positivas do bebê reforçou a segurança das mães frente a escolha por este cuidado alternativo, deixando-a satisfeitas com este retorno.

Ao encontro das mudanças comportamentais, o foco nas respostas emocionais positivas da criança também foi uma das estratégias fundamentais apontadas neste eixo. Visualizar tais respostas, possivelmente, causa alívio materno frente a tomada de decisão pela creche. As mães sentem-se mais seguras e minimiza-se a sensação de perda da identidade e de figura identificatória importante na vida da criança, como bem expresso por uma das mães ao mencionar que ao buscar seu bebê na creche ele a reconheceu e demonstrou contentamento ao vê-la. Evidências nesse sentido foram encontradas no estudo de Melchiori e Alves (2000), no qual investigaram, através de entrevistas com educadoras de creche, como era o comportamento dos bebês e adultos no momento de separação e reencontro na creche. As autoras constataram que, mesmo diante da precoce separação mãe-bebê durante um período do dia, pode haver uma forte ligação entre a mãe e seu bebê, o que foi evidenciado através manifestações de alegria dos bebês quando as mães retornavam do trabalho e da afetividade demonstrada por elas ao reencontrarem seus filhos, sugerindo um padrão de apego seguro. No entanto, a manutenção de um vínculo seguro entre mãe e filho também depende da forma com que a mãe interpreta as reações emocionais da criança após a entrada na creche. Como já mencionado, no caso 01, a mãe entendia as reações do bebê não como desejo de reparação do vínculo, mas como uma necessidade puramente utilitária da mãe.

As mães também apontaram a creche como um suporte para voltar a trabalhar e retomar sua vida anterior ao nascimento do bebê, de modo que a confiança na creche funcionou para elas como uma forma importante de enfrentamento. Denotam que um ambiente acolhedor, onde haja estrutura, disponibilidade e confiança são fundamentais para sentirem-se seguras enquanto estiverem no seu local de trabalho. Crockenberg citado por Rapoport e Piccinini (2006) destaca que o apoio social é fundamental ao longo do desenvolvimento humano, tendo destaque durante períodos de transição e de mudanças, quando naturalmente são exigidas adaptações e o indivíduo passa por situações de estresse.

Ao encontro disso, outra estratégia que parece ter contribuído para as mães enfrentarem o retorno ao trabalho e o distanciamento de seus bebês foi o reconhecimento de que essa transição lhes permitiria retomar aspectos de sua vida pessoal, auxiliando-as na melhora da autoestima. Para algumas mulheres, a entrada de um bebê em um plano de vida construído com muita dedicação e esforço traz à tona o conflito entre o desejo de ser uma boa mãe e a vontade de estar disponível para dar continuidade a carreira profissional. Ademais, esse conflito parece ser reforçado por uma repressão implícita, no mundo profissional, para mulheres que precisam parar com o que estejam fazendo, a fim de terem um filho (Brazelton, 1988). No entanto, as vivências das mães do presente estudo forneceram indícios de que há viabilidade em conciliar tais demandas. O retorno as atividades profissionais indica que embora haja grandes transformações em suas vidas após a maternidade, não há a necessidade de excluir suas necessidades pessoais, conseguindo conciliar trabalho e demandas maternas. A mãe sente-se recompensada em poder exercer sua profissão, abrindo um leque de outros cuidados, ou seja, adquirindo um espaço de confiança na creche e retorno do autocuidado. Nesse sentido, Porto Alegre (2011) enfatiza que sentimentos de satisfação e realização podem ser mais aparentes nas mulheres que trabalham, justamente em consequência do sucesso em conciliar diversos aspectos de suas vidas.

Além de inserir a criança numa creche de confiança, outra forma de conciliar a maternidade e o trabalho, para as mães do presente estudo, foi aproveitar com maior qualidade os momentos em que estavam disponíveis exclusivamente ao bebê, estratégia já apontada por Espíndula e Caetano (2008). A necessidade de compensar o tempo ao bebê dedicando-se intensamente a ele quando na sua presença foi uma estratégia de enfrentamento utilizada por todas as mães deste estudo, transparecendo tentar recompensá-los, devido o distanciamento enquanto estavam trabalhando. Além disso,

pode-se pensar que esta dedicação intensa tem como uma possível função minimizar sentimentos de culpa materna.

## **CAPÍTULO V**

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em geral, os resultados do presente estudo indicaram que as mães conseguiram de certa forma lidar com a ambivalência inerente ao ajuste entre maternidade e trabalho. Para tanto, lançaram mão de estratégias para auxiliá-las neste processo, desde aquelas mais práticas, como inserir e adaptar o bebê à sua rotina profissional e colocá-lo numa creche de confiança, até aquelas mais de cunho emocional, como a desidealização do papel materno e a ênfase nas mudanças comportamentais e reações emocionais positivas da criança com a entrada na creche. Assim, as mães puderam adaptar-se à maternidade, sem terem que abdicar completamente de suas necessidades pessoais, o que contribuiu para a manutenção de sua autoestima. Particularidades maternas individuais se apresentaram com certa discricção, não impedindo que, em geral, todas respondessem positivamente, buscando a auto-organização com estratégias de enfrentamento muitas vezes racionais e provavelmente não prejudiciais ao seu psiquismo e a relação mãe-bebê.

Diante desses resultados, entende-se que novos estudos poderão explorar a mesma temática em mães que vivem em condições socioeconômicas distintas, tais como mães que trabalham em tempo integral, porém com menor escolaridade e menor ênfase em suas carreiras; mães que ocupam cargos de alta complexidade e hierarquia; etc. Da mesma forma, sugere-se que outros estudos possam avaliar o ajuste entre maternidade e trabalho ao longo do desenvolvimento da criança, não somente no final do período de licença-maternidade, e que investiguem conjuntamente o impacto das vivências maternas na relação com a criança.

Finalmente, destaca-se que os resultados do presente estudo podem auxiliar profissionais que atuam com crianças pequenas e suas famílias, no sentido de identificar fatores de risco e proteção tanto para a saúde emocional da mãe, quanto da criança. Nesse sentido, é importante que os profissionais auxiliem as mães a reconhecerem a ambivalência natural da maternidade, suas perdas e ganhos, e a utilizarem estratégias de enfrentamento que a fortaleçam como mulher, bem como garantam a manutenção do vínculo com o bebê. A creche também pode estar atenta a essas questões e favorecer a proximidade da relação mãe-bebê mesmo após o retorno ao trabalho.



## REFERÊNCIAS

- Azevedo, K.R. & Arrais, A.R. (2006). O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2), 269-276.
- Barbosa, M.B., Peixoto, N.E.S., Medeiros, C.R.O. & Junior, V.M.V. (2010). Carreira, vida familiar e vida profissional das executivas: tensão e conciliação. *VII SEGeT – Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia*.
- Brazelton, T.B. & Cramer, B.G. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brazelton, T.B. (1988). *O desenvolvimento do apego: uma família em formação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- De Meis, D.K., Hock, E. & McBride, S.L. (1986). The balance of employment and motherhood: longitudinal study of mothers' feelings about separation from their first-born infants. *Developmental Psychology*, 22(5), 627-632.
- Carter, B., McGoldrick, M. & Colaboradores (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar (2ª ed.)*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Debray, R. (1988). *Bebês/mães em revolta: tratamentos psicanalíticos conjuntos dos desequilíbrios psicossomáticos precoces*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Espíndula, M.L. & Caetano, N.H. (2008). "Vida de equilibrista"? *Relações entre trabalho e maternidade*. IX Jornadas Nacionales de Historia de las Mujeres, IV Congreso Iberoamericano de Estudios de Género. Argentina.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Leff, J.R. (1997). *Gravidez : a história interior*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lopes, M.S.; Catarino, H. & Dixe, M.A. (2010). Estratégias de coping no exercício da parentalidade e a sua relação com os fatores sociodemográficos. *Leiria*, 1-15.
- Maldonado, M.T.; Dickstein, J. & Nahoum, J.C. (1996). *Nós estamos grávidos (8ª ed.)*. São Paulo: Saraiva.
- Maldonado, M.T.P. (1994). *Psicologia da gravidez (13ª ed.)*. Petrópolis: Vozes.
- Melchiori, L.E. & Alves, Z.M.B. (2000). Comportamento de bebês em situações de separação e reencontro com os pais, na rotina diária da creche. *Paidéia*, 51-59.
- Núcleo de Infância e Família/Projeto CRESCI (2011a). *Ficha de dados demográficos da família*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Material

não publicado.

Núcleo de Infância e Família/Projeto CRESCI (2011b). *Entrevista sobre a experiência da maternidade – 6º mês*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Material não publicado.

Núcleo de Infância e Família/Projeto CRESCI (2011c). *Entrevista sobre adaptação do bebê à creche – versão mãe*. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Material não publicado.

Piccinini, C.A., Becker, S.M.S., Martins, G.D.F., Lopes, R.C.S., & Sperb, T.M. (2010). *Impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil: estudo longitudinal do primeiro ao segundo ano de vida da criança*. Projeto não-publicado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

Porto Alegre, A.C.M.P. (2011). *Expectativas profissionais após a maternidade*. Monografia de Especialização não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Rapoport, A. & Piccinini, C.A. (2004). A escolha do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 497-503.

Rapoport, A. & Piccinini, C.A. (2006). Apoio social e experiência da maternidade. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16(1), 85-96.

Rapoport, A. (2003). *Da gestação ao primeiro ano de vida do bebê: apoio social e ingresso na creche*. Dissertação de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Stake, R. (1994). Case Studies. In N. Denzin & Y. Lincon (Eds), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 236-247). London: Sage.

Weber, L.N.D., Santos, C.S.D., Becker, C. & Santos, T.P. (2006). Filhos em creche no século XXI e os sentimentos das mães. *Psicologia Argumento*, 24(44), 45-54.

**ANEXOS****Anexo A****Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-graduação em Psicologia****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Informado**

Pelo presente consentimento, declaro que fui informada(o), de forma clara e detalhada, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos de coleta dos dados do presente projeto de pesquisa que tem como objetivo acompanhar durante dez meses o desenvolvimento socioemocional e cognitivo de bebês que frequentam e não frequentam creche. A pesquisa envolverá quatro fases de coletas de dados: ingresso do bebê na creche, um mês, cinco meses e oito meses após o ingresso na creche. Em cada um desses momentos, as mães serão convidadas a responder entrevistas e seus bebês serão avaliados através de uma escala de desenvolvimento. Além disso, a interação mãe-bebê será filmada na Sala de Brinquedos do Instituto de Psicologia. O local das entrevistas, número de encontros e a sua duração serão combinadas entre pesquisadores e participantes, levando em consideração o melhor interesse dos mesmos. Esses procedimentos poderão ser realizados tanto no Instituto de Psicologia – situado à Rua Ramiro Barcelos, 2600 – como na própria residência das participantes ou na creche do bebê se assim o preferirem. A coleta de dados será organizada de modo a evitar custos aos participantes. No entanto, quando necessário, será oferecido auxílio para transporte e alimentação.

Acredita-se que as entrevistas permitirão aos participantes refletirem acerca de suas vivências e sentimentos nesse momento do desenvolvimento do filho e que isso poderá trazer algum benefício para eles. No entanto, visto que serão abordadas questões íntimas que podem gerar algum desconforto, caso seja necessário, os participantes poderão ser encaminhados à Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, se assim o desejarem.

Tenho o conhecimento de que receberei a resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa. Poderei obter tais esclarecimentos com a equipe de pesquisa ou com o Comitê de Ética do Instituto de Psicologia pelo fone 3308-5698. Minha participação é voluntária e terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isso traga prejuízo ao atendimento prestado a meu filho(a) nesta instituição.

Entendo que não serei identificada(o) e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas a minha privacidade. Tenho ciência de que uma via deste documento será fornecida a mim.

Eu, \_\_\_\_\_, concordo em participar deste estudo, e concordo também com a participação de meu filho(a) \_\_\_\_\_.

Os pesquisadores responsáveis por este projeto são o Prof. Cesar Piccinini e as doutorandas Scheila Becker e Gabriela Martins, que poderão ser contatados pelo Tel: 3308-5058 e e-mail: [cresci.ufrgs@gmail.com](mailto:cresci.ufrgs@gmail.com). Endereço para contato: Rua Ramiro Barcelos, 2600 - Bairro Santa Cecília - Porto Alegre.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Assinatura da(o) Participante

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_

## Anexo B

## FICHA DE DADOS DEMOGRÁFICOS DA FAMÍLIA

(NUDIF/CRESCI, 2011a)\*

**I. Eu gostaria de algumas informações sobre você e o teu companheiro:****Mãe do bebê (Cód. identificação):**.....

- Idade:..... Escolaridade (anos concluídos): .....

- Religião:.....Praticante:( ) sim ( ) às vezes ( ) não

- Local de nascimento? .....

- Onde viveu a maior parte da vida:( ) capital ( ) cidade do interior ( ) Zona rural (vila, sítio)

Município:.....

- Estado Civil:( ) casada; ( ) solteira; ( ) separada; ( ) viúva; ( ) com companheiro

-Número de filhos teus: ..... Enteados: .....

- Filhos teus com atual companheiro (incluir sexo – M ou F e idade):

Vive junto: .....; Não vive junto: .....

Filhos teus com outro companheiro (incluir sexo – M ou F e idade):

Vive junto: .....; Não vive junto: .....

- Moras com o pai do bebê? sim ( ) não ( ) Se sim: Desde quando? .....

- Quem mais mora na casa? (incluir parentesco e idade)

.....

- Número total de pessoas que moram na casa: \_\_\_\_\_

- Tu trabalhas fora? ( ) sim ( ) não ( ) desempregada

- O que tu fazes (ias)?..... Horas/dia: ..... Dias/semana: .....

Não trabalha há ..... meses

- Salário: .....

-Qual a renda familiar mensal (aprox.)? .....

Moradia:própria ( ) alugada ( ) outro ( ) .....

**Companheiro (Cód. identificação):**.....

- Idade:..... Escolaridade (anos concluídos): .....

- Religião:.....Praticante:( ) sim ( ) às vezes ( ) não

- Local de nascimento? .....

- Onde viveu a maior parte da vida:( ) capital ( ) cidade do interior ( ) Zona rural (vila, sítio)

Município:.....

- Filhos do companheiro com outra mulher (incluir sexo – M ou F e idade):

Vive junto: .....; Não vive junto: .....

- Trabalha fora? ( ) sim ( ) não ( ) desempregado

- O que faz (ia)?..... Horas/dia: ..... Dias/semana: .....

Não trabalha há ..... meses

- Salário:.....

### Bebê

- Idade gestacional (em semanas):.....

- Peso ao nascer:.....

### Informações do pai do bebê (se ele não for o companheiro e for presente)

- Idade:..... Escolaridade (anos concluídos): .....

- Local de nascimento? .....

- Onde viveu a maior parte da vida: ( ) capital ( ) cidade do interior ( ) Zona rural (vila, sítio)

Município:.....

- Possui outros filhos? (incluir sexo – M ou F e idade):.....

- Trabalha fora? ( ) sim ( ) não ( ) desempregado

- O que faz (ia)?..... Horas/dia: ..... Dias/semana: .....

Não trabalha há ..... meses

### II. Eu gostaria agora, de algumas informações sobre a tua moradia.\*\*

- Possui Televisores (em cores)? Sim ( ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não ( )

- Possui Rádio (qualquer um, menos de automóvel)? Sim ( ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não ( )

- Possui Banheiro (definidos pela existência de vaso sanitário e privativos do domicílio)? Sim ( ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não ( )

- Possui Automóvel (carro ou moto) (não táxi, vans ou pick-ups usados para atividades profissionais)? Sim ( ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não ( )

- Possui Empregada doméstica (apenas mensalistas, que trabalham pelo menos 5 dias por semana)? Sim ( ) Quantas? \_\_\_\_\_ Não ( )

- Possui Máquina de Lavar (automáticas e/ou semi-automáticas)? Sim ( ) Quantas? \_\_\_\_\_ Não ( )

- Possui Videocassete e/ou DVD (qualquer tipo)? Sim ( ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não ( )

- Possui Geladeira? Sim ( ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não ( )

- Possui Freezer? Sim ( ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não ( )

### Para fins de pontuação:

Havendo geladeira no domicílio, independente da quantidade, serão atribuídos os pontos (4) correspondentes a possui de geladeira; Se a geladeira tiver um freezer incorporado – 2a. porta – ou houver no domicílio um freezer independente serão atribuídos os pontos (2) correspondentes ao freezer. As possibilidades são:

Não possui geladeira nem freezer	0pt
Possui geladeira simples (não duplex) e não possui freezer	4pts
Possui geladeira de duas portas e não possui freezer	6pts
Possui geladeira de duas portas e freezer	6pts
Possui freezer mas não geladeira (caso raro mas aceitável)	

Total de Pontos: \_\_\_\_\_ Classe: \_\_\_\_\_

\*Adaptada de NUDIF (2009) por Scheila Becker, Gabriela Martins e Cesar Augusto Piccinini

\*\*Ítem derivado do Critério de Classificação Econômica Brasil, da ABEP, 2009.

## Anexo C

### ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE – 6º MÊS

(NUDIF/CRESCI, 2011)\*

**I. Eu gostaria que tu me falasse sobre a gravidez. (Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...**

1. Esta foi a tua primeira gravidez? Foi uma gravidez planejada?
2. Como te sentiste ao receber a notícia da gravidez?
3. Como o teu companheiro recebeu a notícia da gravidez?
4. Como te sentiste durante a gravidez em termos físicos e emocionais?  
Houve alguma complicação durante a gravidez? Como foi?
5. Que preocupações tu tinhas em relação a ti como mãe durante a gravidez?
6. Que tipo de mãe tu achavas que serias?
7. Que preocupações tu tinhas em relação ao bebê durante a gravidez?
8. Como tu imaginavas que o bebê seria? Como tu imaginavas que seria o teu relacionamento com ele?
9. E o teu companheiro? Ele te apoiou durante a gravidez? Como (o que ele fazia)? Como tu te sentiste com isto?
10. Alguma coisa mudou no jeito de ser dele com a gravidez?
11. Alguma coisa mudou no relacionamento de vocês com a gravidez?

**II. Eu gostaria que tu me falasse sobre o parto e os primeiros dias com o bebê.**

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

1. Como foi o parto? Foi normal ou cesariana? Houve alguma complicação? Como tu te sentiste?
2. Alguém te acompanhou no momento do parto?
3. Como foi o teu primeiro encontro com o bebê após o parto? Como tu te sentiste? Ele era como tu imaginavas?
4. E os primeiros dias após o parto? Foi como tu imaginavas? O que te agradou e desagradou?
5. Que preocupações tu tiveste em relação ao bebê nesses primeiros dias?
6. Tu lembras de alguém que te ajudou nos primeiros dias após o nascimento? *(em caso afirmativo):* Quem foi? E que tipo de ajuda ofereceu? Como tu te sentiste?
7. E o teu companheiro? Ele te apoiou nesses primeiros dias do bebê? Como (o que ele fazia)? Como tu te sentiste com isto?

**III. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está sendo a experiência de ser mãe.**

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

1. Tu imaginavas que seria assim?
2. Como tu estás te sentindo como mãe neste momento?
3. Tu estás tendo alguma dificuldade?
4. Como tu te descreverias como mãe? Tu pensas em alguém como modelo de mãe? Quem seria?
5. Como ela é/era como mãe?
6. Tu evitas algum modelo de mãe que tu já conheceste?
7. E a tua mãe, como tu imaginas que ela era contigo? O que tu lembras?
8. O teu jeito de cuidar do/a *(nome da criança)* é parecido ou diferente do dela?
9. E o teu pai, como tu imaginas que ele era contigo? O que tu lembras?
10. O teu jeito de cuidar do/a *(nome)* é parecido ou diferente do dele?

**IV. Eu gostaria que tu me falasse como tu estás vendo o teu companheiro como pai.**

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

1. Como é o jeito dele lidar com o bebê?
  2. Como tu achas que ele está sendo como pai? Esta sendo como tu imaginavas?
  3. Ele te ajuda nos cuidados com o bebê? Te sentes satisfeita com essa ajuda?
- Caso as respostas da mãe às perguntas anteriores sejam negativas, fazer as seguintes perguntas:**
- Tu solicitas a ajuda dele nos cuidados com o bebê?
  - Como é para ti pedir essa ajuda?
4. Como imaginas que ele te vê como mãe?

### **V. Eu gostaria que tu me falasse sobre o dia-a-dia do bebê.**

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

1. De maneira geral, que atividades tu consideras importantes para um bebê no dia a dia?
2. Pensando agora na rotina do teu filho (a), tu poderias me descrever como é a rotina e me contar com quem ele fica e o que ele faz durante o período da manhã, da tarde e da noite?

*Questões a serem exploradas:*

- a) *Qual a hora que o bebê acorda e vai dormir?*
  - b) *Quem são as pessoas que cuidam do bebê neste período? (se for babá, caracterizar idade, experiência com bebês)*
  - c) *Quantas horas essas pessoas passam com o bebê?*
  - d) *Quais as atividades que estas pessoas fazem com o bebê (explorar cada atividade mencionada com detalhes)?*
  - e) *Como o bebê reage quando está com essas pessoas?*
  - f) *Você percebeu alguma mudança no comportamento do bebê desde que passou a ficar com essa pessoa?*
3. A rotina do bebê muda no final de semana? Se muda, tu poderias me contar como é a rotina dele neste período? *(Explorar mesmos tópicos da questão anterior)*
  4. Pensando agora nas tarefas que tu tens assumido com relação ao bebê:
    - a) *Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Por quê?*
    - b) *Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Por quê?*
  5. O que tu achas que mais agrada ao teu bebê quando ele está contigo? Por quê?
  6. E tem alguma coisa que desagrada? Se sim, por quê isso acontece?

### **VI. Por fim, vamos conversar sobre a decisão de colocar (ou não) o bebê na creche:**

*(Se bebê vai para a creche)*

1. Por que vocês escolheram colocar o bebê na creche?
2. Como foi tomada essa decisão?
3. Por que escolheram colocá-lo nesta creche em específico?
4. Como tu te sentes por colocar o filho(a) na creche?
5. Que expectativas tu tens com a entrada do bebê na creche?
6. E quanto à adaptação do bebê? Como tu imaginas que será?

*(Se bebê não vai para a creche)*

1. Porque vocês decidiram não colocar o bebê na creche?
2. Alguém te ajuda a cuidar do bebê?
3. O que levaram em conta ao decidirem por esse tipo de cuidado? (ex. proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc)?
4. *(Se alguém ajuda a mãe a cuidar do bebê)* Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do/a (nome)? O que te agrada? O que te incomoda?
5. Vocês pensam em colocar o seu filho(a) na creche? Em que momento? Por quê?

### **VII. Tu gostaria de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?**

## Anexo D

### ENTREVISTA SOBRE A ADAPTAÇÃO DO BEBÊ À CRECHE – versão mãe (NUDIF/CRESCI, 2011)\*

#### **I. Inicialmente eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está o(a) (nome) após a entrada na creche**

1. Depois que ele(a) entrou na creche você percebeu algumas mudanças no (nome)? Se sim, o que mudou?
2. (*Se não mencionou*) E como está o/a (ver lista abaixo)do(nome) após a entrada na creche?
  - a- Saúde: Mudou alguma coisa? (Repetir abaixo)
  - b- Sono:
  - c- Alimentação:
  - d- Nível de atividade física:
  - e- Humor:
  - f- Choro:
  - g- Vocalizações:
  - h- Brincadeiras:
  - i- Capacidade de prestar atenção à objetos/brinquedos
3. Em relação às mudanças observadas (ou não) no bebê após o ingresso na creche, era como tu imaginavas?

#### **II. Gostaria que você me falasse um pouco sobre o processo de adaptação do (nome)na creche.**

1. Como foram os primeiros dias?
2. Como vocês foram recebidos na creche?
3. O que você mais gostou?
4. O que te desagradou? Você acha que algo poderia ter sido diferente?
5. Como está a adaptação do (nome)na creche?
6. O que você acha que facilitou o processo de adaptação do (nome)?
7. E o que você acha que dificultou?
8. Você acha que seu filho está adaptado à creche?
9. *Se sim*, por quê você acha isso?

*Se não*, o que você acha que ainda é preciso?

10. Em relação ao processo de adaptação, era como tu imaginavas?

#### **III. Agora gostaria que tu me falasse sobre o relacionamento do(a)(nome)com as pessoas depois que entrou na creche.**

1. Como ele(a) tem interagido contigo depois que entrou na creche? Algo mudou? Se sim, o quê?
2. E com o pai dele? Algo mudou? Se sim, o quê?

(*Caso tenha irmãos*) Como ele tem interagido com o(s) irmão(s)? Algo mudou? Se sim, o quê?

3. E com outros familiares? Algo mudou? Se sim, o quê?
4. E como ele tem interagido com pessoas estranhas? Você nota se algo mudou? Se sim, o quê?

#### **IV. Agora gostaria que você falasse sobre como vocês estão se sentindo com a ida do(a) (nome)à creche.**

1. Você percebe alguma mudança na família depois que a/o (nome) entrou na creche?
2. Como tu estás te sentindo com a ida do seu filho à creche?
3. Mudou algo no teu dia a dia? O quê?
4. E como o teu marido está se sentindo? Mudou algo no dia a dia dele?  
(*Caso tenha irmão*) E o(s) irmão(s) dele(a) como está se sentindo? Ele comenta algo?
5. Você percebe alguma mudança no relacionamento com teu companheiro depois que a/o (nome) entrou na creche?

#### **V. Para finalizar eu gostaria que me falasse sobre outros eventos que aconteceram nesse período de entrada do (nome) na creche.**

1. Aconteceu algum evento estressante para a família nestes últimos meses?
2. Você poderia me contar como foi?
3. Este(s) evento(s) interferiu na adaptação do bebê à creche? De que maneira?

\* Entrevista elaborada por Scheila Becker, Gabriela Martins e Cesar Piccinini.



## Anexo E

## Carta de Aprovação do Projeto no Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da UFRGS



## Instituto de Psicologia

Rua Ramiro Barcelos, 2900 - CEP 91035-003 Porto Alegre RS Tel.: Fax (051) 3316-5066

### COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

REGISTRO NUMERO: 25000.089325/2006-58

#### PROTOCOLO DE PESQUISA Nº 2010070

Título do Projeto:

*Impacto da creche no desenvolvimento sócio-emocional e cognitivo infantil: estudo longitudinal do primeiro ao segundo ano de vida da criança.*

Pesquisador(es):

Cesar Augusto Piccinini – Pesquisadora Responsável  
 Rita de Cassia Sobreira lopes  
 Tânia Mara Sperb  
 Schila Machado da Silveira Becker  
 Gabriela Dal Forno Martins

O projeto atende aos requisitos necessários. Está **aprovado** pelo CEP-Psicologia por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a Resolução nº196/96 e complementares do CONEP e Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia.

Eventos adversos e eventuais ementas ou modificações no protocolo de pesquisa devem ser comunicadas a este Comitê. Devem também ser apresentados anualmente relatórios ao Comitê, inicialmente em 06/12/2011, bem como ao término do estudo.

Aprovado, em 06/12/2010.

  
 Comitê de Ética em Pesquisa  
 Registro 25000.089325/2006-58  
 Instituto de Psicologia - UFRGS

**Anexo F****Carta de Aprovação do Projeto no Comitê de Ética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre****HCPA - HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE  
GRUPO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO****COMISSÃO CIENTÍFICA E COMISSÃO DE PESQUISA E ÉTICA EM SAÚDE**

A Comissão Científica e a Comissão de Pesquisa e Ética em Saúde, que é reconhecida pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)/MS como Comitê de Ética em Pesquisa do HCPA e pelo Office For Human Research Protections (OHRP)/USDHHS, como Institutional Review Board (IRB00000921) analisaram o projeto:

**Projeto:** 100553**Versão do Projeto:** 25/11/2010**Versão do TCLE:** 10/02/2011**Pesquisadores:**

RITA DE CÁSSIA SOBREIRA LOPES

TANIA MARA SPERB

GABRIELA DAL FORNO MARTINS

SCHEILA MACHADO DA SILVEIRA BECKER

CESAR AUGUSTO PICCINI

**Título:** Impacto da creche no desenvolvimento sócio-emocional e cognitivo infantil: estudo longitudinal do primeiro ao segundo ano de vida da criança

Este projeto foi APROVADO em seus aspectos éticos e metodológicos, bem como o respectivo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de acordo com as diretrizes e normas nacionais e internacionais de pesquisa clínica, especialmente as Resoluções 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde.

- Os membros da Comissão Científica e da Comissão de Pesquisa e Ética em Saúde não participaram do processo de avaliação dos projetos nos quais constam como pesquisadores.
- Toda e qualquer alteração do projeto, assim como os eventos adversos graves, deverão ser comunicados imediatamente ao CEP/HCPA.
- O pesquisador deverá apresentar relatórios semestrais de acompanhamento e relatório final ao CEP/HCPA.
- Somente poderá ser utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no qual conste o carimbo de aprovação do HCPA/GPPG.

Porto Alegre, 18 de fevereiro de 2011.



Prof.<sup>a</sup> Nadine Clausell  
Coordenadora GPPG e CEP/HCPA

